Serie PUIGGARI-BARRETO

Primeiro Livro DE LEITURA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Rio de Janeiro — São Paulo — Bello Horizonte

Série PUIGGARI-BARRETO

PRIMEIRO
LIVRO DE LEITURA

Pelos Professores

ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Ex-Inspector das escolas-modelo
annexas á Escola Normal, Director do Gymnasio de Campinas

E

R. PUIGGARI

Ex-director do 1.º Grupo Escolar do Braz

Livro approvado pelo Governo do Estado de S. Paulo e adoptado em todas as suas escolas publicas; pelo Governo Municipal da Bahia; pelos Conselhos Superiores de Instrucção Publica dos Estados de Santa Catharina e Espirito Santo; e premiado com medalha de prata na Exposição Universal da cidade de S. Luiz. E. U. A.

18.ª EDIÇÃO

FRANCISCO ALVES & C.ia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C.ia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1915

A' Infancia brasileira

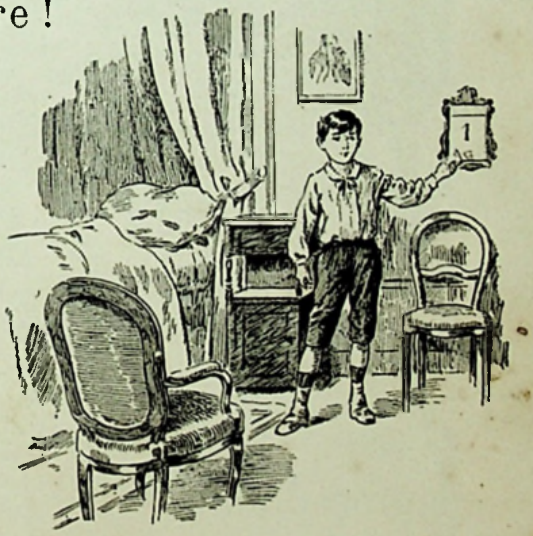
OO. e DD.

Os autores.

LEHAD
História
USP

Anno bom.

Primeiro de Janeiro!
E' o anno novo que começa!
Olhem para o rosto de Paulo!
Está alegre!
Está muito alegre!



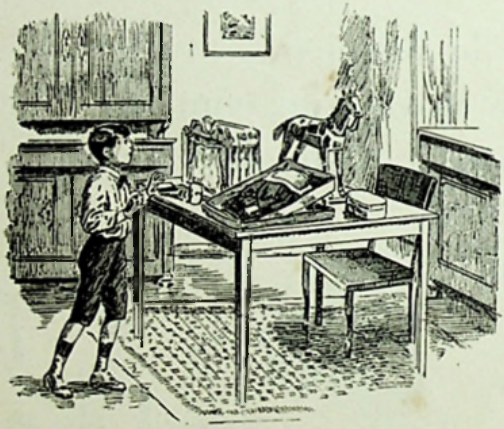
E' que elle espera ser mais feliz este anno, do que foi no anno que findou.

Sua mãe vai cumprir a promessa, que lhe fez, de o mandar para a escola.

Quanto brinquedo está em cima da mesa!

Tudo aquillo era para Paulo!

Eram os presentes de Anno Bom que elle ganhava.



— Que bello! Que bello! Viva o Anno Bom! Viva o anno novo!

Que lindos presentes! Que bellas festas! Quem lhe teria deixado tudo aquillo!

Ai! uma roupinha á marinheira!

Um cavallinho de pau! Que engraçadinho!

Doces! E quantos cartuchos! Isto é presente da Luizinha, aposto!

LOUIS MAITREJEAN

E um livro tambem! Oh! que belleza! que lindas estampas! Um livro, minha gente; um livro dourado! La-la-ri-la-la!

E Paulo, pulando e gritando alegremente, correu com o livro por toda a casa.

— Ganhei um livro, minha gente! ganhei um livro! Agora sim, vou mesmo para a escola.

O pae de Paulo.

O pae de Paulo é um medico.

Chama-se Dr. Silva Ramos.

O Dr. Silva Ramos é um medico muito bom.

O povo todo tem muita fé nelle.

O Dr. Ramos, além de ser um medico distincto, é tambem um homem generoso e bom.

Dos seus doentes pobres não cobra nem um vintem.

E trata-os com o mesmo carinho e solicitude com que trata os ricos.

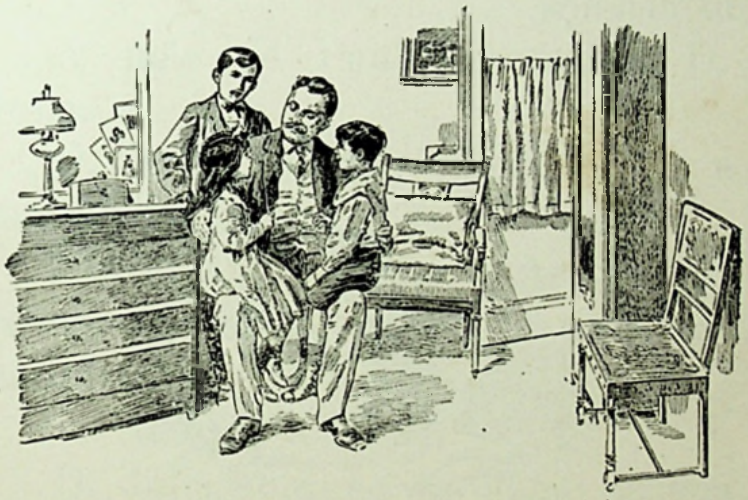
Por isso, todos o estimam sinceramente.

Os ricos o veneram.

A pobreza adora-o.

O Dr. Silva Ramos, além de Paulo, tem mais dois filhos, a Luizinha e o Victor.

Quando volta de casa de seus



doentes, chama os tres para junto de si, e brinca com elles.

O Paulo monta-lhe logo sobre uma das pernas.

A Luizinha senta-se na outra!

Victor, o mais velho, já não

brinca do mesmo modo com o pae. Como um homemzinho, que já é, fica de pé, ao seu lado.

Tambem conversa; tambem ri. Mas já não tem mais aquelles modos de criança.

A mãe de Paulo.

A mãe de Paulo chama-se D. Julia.

D. Julia, ainda é bem moça e muito sympathica.

Luizinha fita-a, ás vezes, demoradamente, e exclama com uma voz carinhosa :

— Mamãe é linda!

D. Julia sorri-se do elogio da sua querida filhinha e sempre lh'o paga com um beijo.

Vive, a bôa senhora, constantemente alegre e satisfeita.

Todos admiram e invejam a sua alegria.

— Que querem?! costuma ella exclamar : quem trabalha não tem tempo para ficar triste.

E D. Julia trabalha! As roupas dos filhos é ella propria quem as faz com o mais carinhoso cuidado!

— Manda, minha querida, essas roupas para a costureira! diz-lhe, ás vezes, o Dr. Ramos.

— Não; não quero. Eu é que sei a roupa que vai melhor nos meus filhos.

E tinha razão.

Os seus filhos andam tão bem arranjadinhos que dá gosto vêl-os.

O Victor já está no Gymnasio.

D. Julia capricha um pouco-chinho mais com a roupa delle.

— Quasi um mocinho! diz ella meio orgulhosa. Não senhor! Tem de andar vestido e correcto como um homem!

Ella estava fazendo agora a roupa com que Paulo tinha de ir á escola.

Paulo já lhe pediu para vestil-a.

— Não, meu filho; cada cousa tem seu dia! respondeu-lhe ella sorrindo.

O Paulo.

Entre risos e cuidados
Vivia aquella criança.
Tudo eram festas, agrados,
Tudo paz, tudo esperança.

O papae o estremecia;
A mamãe o idolatrava;
A vovózinha, a titia,
Todo o mundo o estimava!

Quasi sempre conseguia,
Por ser justos, seus desejos.
E presentes recebia
Entremeiados com beijos.

Passava os dias contente;
Era-lhe a vida um regalo.
Vizinho, amigo ou parente,
Mostravam todos amal-o!

Coração de ouro.

D. Julia é muito caridosa.

Nenhum pobre sae de sua casa sem levar a esmola que pede.

Si não é um nickel, ao menos um pedaço de pão ella lhe dá.

Por isso, todos pronunciam o seu nome com o maior respeito e amizade.

E quem não havia de a estimar, tão bôa como ella era?

Pelos doentes do Dr. Ramos mostra sempre um affectuoso interesse.

Quando elle volta de alguma visita medica, D. Julia logo lhe pergunta si a molestia do doente é passageira, si não tem gravidade.

Si a resposta é que não é cousa de cuidado, fica alegre; mas si o Dr. Ramos diz que receia pela vida do enfermo, D. Julia exclama com péna : — Coitado !

E recommenda ao marido que o trate com o maior desvelo.

Uma vez, em conversa intima, o Dr. Ramos contou a um amigo esta solicitude carinhosa de sua esposa.

O amigo, commovido por tanta bondade, exclamou :

— Que coração de ouro!

— Não me diga isso perto della,

pelo amor de Deus! pediu-lhe o Dr. Ramos.

— Ah! E porque?

— Porque? Porque era bem capaz de arrancar o coração para o repartir com os pobres!

Luiza.

Luiza é pequenita, mas experta como uma gatinha.

Quantos dedos tem ella numa das suas mãosinhas rosadas? Cinco?

Pois cinco é o numero dos annos que conta.

Parece uma allemanzinha pelo doirado dos seus cabellos, que são crespos e sedosos. Parece tambem uma allemanzinha pelos olhinhos azues, vivos e buliçosos : vivos como os de um ratinho, e azues como um pedaço de céo!

Gosta muito de bonecas, a brejeirinha!

As suas filhinhas, como carinhosamente lhes chama, vivem como umas rainhas!

Andam sempre tão limpas e bem vestidas que dá gosto vêl-as!

Umas são grandes; outras pequenas. Quasi todas, porém, são brancas, córadas e louras como a mãezinha! Ha duas bonecas que servem de criadas. Essas são pretinhas, bem pretinhas, de labios muito vermelhos.

Mas todas, recebem o mesmo carinhoso cuidado.

Todas, não. Uma dellas é mais

querida de Luiza. E' uma boneca de cêra, grande, muito bonita. Luiza ganhou-a no dia em que completou os cinco annos.

Quando lhe comprimem o peito, faz uma mesura com a cabeça, e diz, numa vózinha muito fina — Mamã!

Chama-se Zilda.

Luiza gosta tanto de Zilda que, por sua causa, até já abandonou os velhos amigos!

— Querem saber quem são os velhos amigos da Luizinha?

São a Negrinha e o Tupy.

O Tupy e a Negrinha.

Era uma gata — a *Negrinha;*
Era um cãozinho o — *Tupy.*
A gata, limpa, pretinha;
E o cão, que era branco, tinha
A viveza de um saguí!

Dormiam na mesma cama;
Comiam no mesmo prato,
Brincavam juntos na grama,
Desmentindo assim a fama,
Das brigas de cão e gato!

Eram, por isso, amimados :
Ninguem gosta de briguentos!
Sempre gordos, asseiados
Não passavam os cuidados
Dos animaes turbulentos!

As balas.

Eram duas horas da tarde do dia 30 de Janeiro.

O Dr. Silva Ramos acabava de entrar em casa.

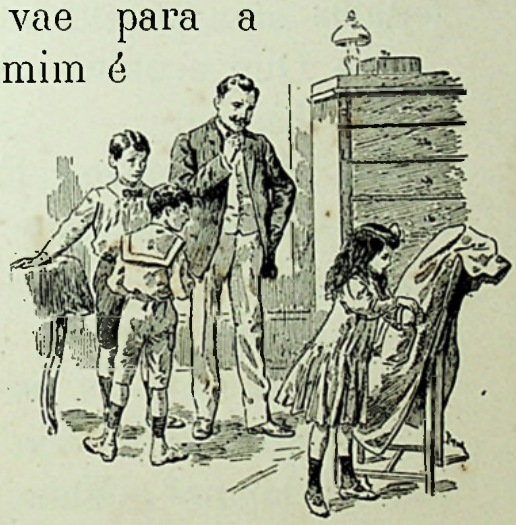
Voltava da escola, onde tinha ido matricular o Paulo.

— Prompto, senhor Paulo! Da proxima quarta-feira em deante começaremos vida nova! disse elle, despindo o sobretudo e pondo-o sobre o encosto de uma cadeira.

— Ora veja o papae!... disse de repente a Luiza, enxergando um papel de bala no bolso do sobretudo.

— Que é, minha filha?

— Pois é assim mesmo! continuou ella, com malicia; tudo quanto o senhor faz é só para o Paulo. Paulo tem roupa nova. Paulo tem livro. Paulo vae para a escola. Só de mim é que papae nunca se lembra! Pois èu tambem não hei de pensar nunca mais no senhor!



— Então, tu pensas muito em mim?

— Penso, sim senhor. Inda hoje pensei tanto!

— E que foi que pensaste?

— Primeiro, pensei que papae é muito bom.

— Sim?! Pois acertaste! E depois?

— Que não é capaz de esquecer-se da sua Luizinha!

— E que mais?

— Que quando passou pela confeitaria...

— Que aconteceu?

— Entrou.

— Bem; entrei. E depois?

— Comprou umas balinhas muito gostozinhas...

— E que mais?

— Guardou-as no bolso.

— Sim? Ora veja! E depois?

— Depois? Vae consentir que Luizinha as tire para comer.

E dizendo isto, a brejeira tirou as balas que estavam no bolso do sobretudo, e, sem esperar mais nada, sahiu correndo!

O primeiro dia de aula.

Paulo não dormiu direito. Estava impaciente por que chegasse a hora de ir para a escola.

Assim, logo que ouviu rumor na casa, levantou-se.

Eram ainda seis horas da manhan.

Lavou-se, penteou-se, vestiu-se.

Depois, correu para a sala de jantar, onde já se achava D. Julia.

Deu-lhe o bom dia, e, logo em seguida, foi dizendo :

— Sabe, mamãe, sonhei esta noite com a escola!

— Ah! sim?! E que sonhaste?

— Sonhei que tinha brincado o dia todo.

— Pois não foi um sonho lá muito parecido com a verdade! disse a bôa senhora, sorrindo-se.

Paulo pozse a olhar para ella muito admirado, sem a comprehender.

— ... Não foi um sonho muito parecido com a verdade, sim, meu filho, porque na escola não se brinca sempre. Primeiro estuda-se, depois, o mestre dá um recreio para descanço; depois, chama os alumnos para trabalharem

outra vez. E, si não fosse assim, meu filho, ao brinquedo faltaria o encanto que elle tem!

— Mas, si eu trabalhar sempre, tambem não acharei encanto no trabalho! disse Paulo, como querendo atrapalhar D. Julia.

— Por certo. E é por isso que eu disse : depois do trabalho, o brinquedo; depois do brinquedo, o trabalho. Devem trabalhar para aprender, porque hão de ser homens educados, e brincar... porque são crianças!

De volta da escola.

Eis o Paulo na escola.

Entrou um pouco assustado. Mas depois, fez bem direitinho tudo quanto a mestra mandou.

Quando voltou, ás tres horas, foi logo entrando para o escriptorio, e subindo ás pernas de seu pae.

— Então, senhor estudantinho, que tal achou a escola, hein?

— E' muito alegre, papae. Mas a gente não brinca tanto!

— Ora, que novidade! Tua mãe já não t'o havia dito?

— Disse, sim, mas mamãe gosta muito de caçoar! Tem uma crian-

çada lá, ih! Quasi todos os meninos são do meu tamanho. Como é bonito vel-os marchar e cantar! Ninguem desafina! No recreio são muito delicados e não andam dando empurrões uns nos outros...

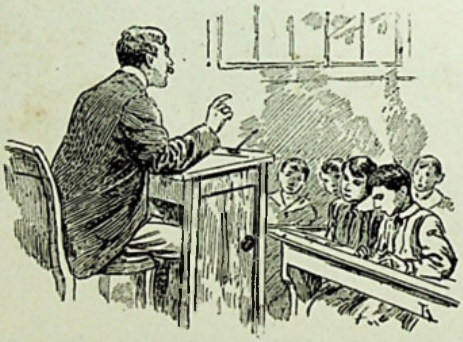
— Pois ahi está o que é bonito!

— Tambem não vi ninguem riscar as paredes. Será prohibido, papae?

— Que pergunta! Certamente que sim, meu filho; e quem risca as paredes mostra não ter educação!

— Ah! Pois lá ninguem risca as

paredes. Si papae visse como os meninos são tão delicados, tão attenciosos, havia de querer-lhes bem. Eu já arranjei dous amigos! Um, é filho de um marcineiro; o outro, é o Zuzú...



O Zuzú.

— Zuzú?! Quem é esse Zuzú? perguntou o Dr. Silva Ramos.

— Papae não o conhece? Pois é o filho da nossa lavadeira; aquelle menino que vem sempre aqui trazer a roupa lavada...

— Sim, já sei...

— Pois aquelle sujeitinho quietinho que o senhor vê, papae, tem bicho carpinteiro. E, hoje, já levou um *pito*.

— Com effeito! Ser censurado logo no primeiro dia! E que é que elle fez?

— Nada!

— Eu é que agora não comprehendo nada! Dizes que o tal Zuzú tem bicho carpinteiro; e que levou um *pito*, e, que não fez nada!...

— Isto é, fez, sim, papae; mas foi uma cousa sem importancia! Zuzú não podia estar quieto um instante...

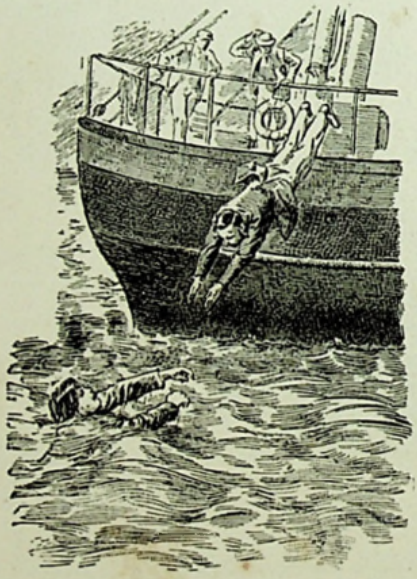
— Ah! já sei! Pois era preciso que o pudesse.

— Mas, então, a gente tem de ficar quieto, na escola, toda a vida? Eu cuidava que se ia lá para aprender a ler, e não para ficar quieto.

— Sim, vae-se para aprender a ler, mas, para aprender a ler, é preciso estar quieto. E', além disso, uma falta de civilidade brincar ou distrahir-se quando a professora está ensinando, e os collegas querendo attender-lhe ás explicações

O tio José.

O tio José é o padrinho de Paulo, e irmão mais velho de D. Julia.



Em sua mocidade foi marinheiro.

Na guerra do Paraguay, onde esteve, elle arrojou-se ao mar, do navio que commandava, para salvar a vida de um marinheiro. Quasi foi tragado pelas ondas, mas o marinheiro foi salvo.

O imperador mandou dar-lhe, pela galhardia do seu procedimento, uma medalha de ouro.

Os marinheiros, quando falavam desse facto, diziam, cheios de enthusiasmo :

— Bem fez D. Pedro II. O capitão José é um homem de valor!

Tio José estava agora bem velho, mas inda era forte.

Sua barba — uma barba grande e bem tratada — é alva como algodão.

Anda sempre de sobrecasaca, abotoada á moda de sua antiga farda de official.

Raras vezes ri. Parece por isso, um homem pouco agradavel.

Mas não é. Tem um coração muito bom, e os sobrinhos, a quem adora, fazem delle o que querem.

O filho do marcineiro.

O filho do marcineiro, um dos novos amigos de Paulo, chama-se Alvaro.

Seu pae é um simples operario, honrado e trabalhador.

Alvaro, como seu pae, tambem possue essas duas bellas qualidades.

Na escola o seu comportamento é invejavel. Está sempre sério e quietinho na classe.

Nas aulas de geographia e de historia ninguem será capaz de distrahil-o.

Fica tão attento ao que diz a mestra que nem sente as moscas lhe pousarem nas faces.

Sabe geographia como gente!

O outro dia a mestra perguntou :

— Alvaro, si você fizesse uma viagem pelo rio Amazonas, quaes eram os affluentes que poderia encontrar?

Elle respondeu, no mesmo instante, sem hesitar :

— O Javary, Jutahy, Juruá, Teffé, Coarí, Purús, Madeira, Tapajós e Xingú, pela margem direita; e pela margem esquerda : o Içá, o Negro, o Trombetas e o Jamundá.

E' assim que elle sabe as cousas : na pontinha da lingua!

Ninguem tem coragem de fazer sabbatina com elle.

E' o mais forte de todos os alumnos em todas as materias.

O novo companheiro de Paulo.

Paulo tem um novo companheiro.

E' um caboclinho, afilhado do Dr. Silva Ramos.

Chama-se Donato.

Seu pae, *nhô* Fortunato, é fazendeiro. E' um dos maiores amigos do Dr. Silva Ramos.

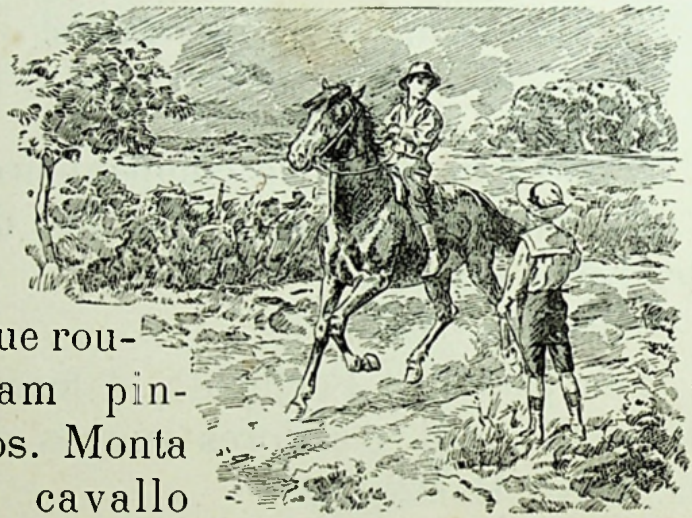
Quando vem á cidade é em casa do compadre que se hospeda.

Tambem o doutor, quando quer descançar da sua vida de medico, vae para o sitio de *nhô* Fortunato.

Elle quer muito bem ao padrinho, á madrinha, e aos filhos destes.

Paulo fica admirado com o que vê Donatinho fazer no sitio.

Elle laça bezerros no campo. Com o bodoque, atira pelotas nos gaviões,



que roubam pintos. Monta a cavallo em pello. Pesca lambarys e bagres no ribeirão. Sóbe, ligeiro como um saguí, a todas as arvores do pomar. Faz, emfim, o que Paulo não é capaz de fazer.

Um camarada não trabalha tanto como Donato.

E, por isso, é forte, córado, robusto, alegre.

Só o que ainda não sabe, é lêr!

Donato não conhece nem uma letra!

E' a primeira vez que vem á cidade, e, por isso, estava meio desageitado com a blusa e a calcinha curta com que substituiram a sua roupa folgada da roça.

Quando chegou, ficou pasmado de ver tanta coisa bonita. No largo da Matriz, debruçou-se tanto no carro, em que vinha, que quasi cahiu. Queria vêr um bando de crianças que bricavam cheias de alegria.

— Olhe, padrinho, que diluvio de crianças! Como é bonito! Todas brincando tão amigas, tão alegrinhas! Mas daqui a pouco começarão a brigar, não?

— Brigar?! Não creias, meu filho. Aqui não se briga á tôa.

— Ué! Porque?

— Porque a educação não deixa.

A educação faz ver aos meninos, na escola e no lar, que as brigas só trazem desgostos. E aquelles meninos que alli vês, são todos muito bem educadozinhos!

O espelho.

Donatinho, logo que desceu do carro, foi introduzido na sala de espera.

O Dr. Silva Ramos deixou-o sósinho um instante, para ir chamar D. Julia.

Tudo lhe causava admiração. Para tudo olhava com pasmo.

Quanta riqueza!

Que seria aquillo que estava alli, por cima da mesa?

Donato approximou-se.

Era um espelho

Seu rosto appareceu-lhe reflectido no espelho. Depois o corpo, quando se chegou mais.

Achou graça na sua cara espantada, pensando ser a de um outro menino, que o arremedava, e riu-se.

O caboclinho do espelho tambem

se riu.

Franziu a testa e perguntou:

– Porque é que o senhor se ri, olhando p'ra mim?

O caboclinho não respondeu, mas tambem franziu a testa.

Donato fez carranca.

O outro tambem fez.

— Eu te esmurro as ventas! disse Donato, já com raiva; e armou o punho.

O outro tambem armou o punho e ameaçou Donato.

— Ah! pensas que eu tenho medo? Então, toma lá! E descarregou o murro.

Felizmente o crystal do espelho era muito grosso, e não se partiu.

No momento de dar o murro, o Dr. Ramos vinha entrando na sala.

Percebeu o que se tinha passado e não pôde conter uma risada.

O caipirinha soprava ainda nos dedos, sorrindo-se muito desapontado.

— Estás vendo, meu filho, como se aprende uma bôa lição? disse o Dr. Ramos, afagando-lhe a cabeça.

O éco atrevido.

Mas, não aproveitou muito a Donato a lição do espelho.

No dia seguinte elle recebeu uma outra.

Logo que se levantou, desceu para o jardim, a cujo lado havia uma parede muito alta de um sobrado.

Donato tinha nas mãos um punhado de pitangas maduras.

Não querendo comel-as sósinho, pôz-se a chamar o Paulo.

— Pa...u...lo!

Uma voz respondeu :

— Pa...u...lo!

LOUIS MAITREJEAN

— Onde estás? perguntou Donato.

— On... de es... tás? ouviu em resposta.

— Aqui.

— A... qui,... disse a voz.

Donato zangou-se. Alguem parecia estar caçoando delle!

Então, levantando mais a voz, gritou para quem o arremedava :

— Bobo!

— Bo...bo! ouviu logo distinctamente.

O caipirinha zangou-se então de uma vez.

E foi dizendo tudo quanto lhe veiu á bocca, cada vez mais gritado.

Mas a voz occulta respondia-lhe com as mesmas palavras e no mesmo tom.

O éco gentil.

O Dr. Silva Ramos, ouvindo aquella gritaria, desceu para o quintal.

Queria vêr o que é que Donato estava fazendo.

Donato contou-lhe então que havia chamado Paulo para dar-lhe umas pitangas.

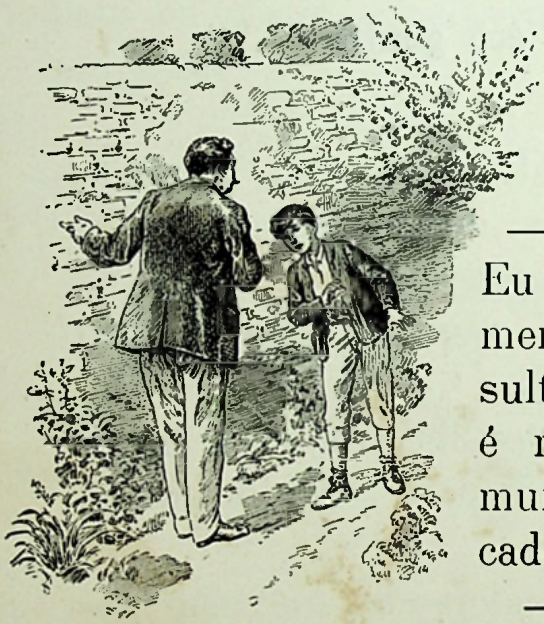
Mas, um malcreado, que não podia saber onde estava escondido, pôz-se a arremedal-o.

Zangou-se, e disse-lhe uma porção de palavras descortezes.

O doutor Ramos immediatamente advinhou quem era o menino, que

tinha arremedado Donato, e perguntou, sorrindo, ao afilhado :

— Mas quem é que começou os insultos?



— Não fui eu, padrinho. Foi elle.

— Não creio. Eu conheço esse menino que insultaste e sei que é muito bom e muito bem educado.

— Padrinho diz isso porque não ouviu o que elle me disse agora mesmo.

— Pois bem; então vamos chamal-o outra vez, para vêr o que elle responde. Dá-lhe as bôas tardes!

Donato obedeceu e gritou :

— Bòa tarde!

— Bo...a tar...de! respondeu a voz.

— Pede-lhe agora desculpas, meu filho.

— Desculpe-me! disse Donato.

— Des...cul...pe-me! soou o éco.

— Despede-te delle, mandou o Dr. Silva Ramos.

— Adeus, meu amigo!

— A...deus, meu a...mi...go! foi a resposta.

— Vês, Donato? Essa voz que ouviste, é o éco das tuas palavras.

E esse éco está a ensinar-te esta verdade :

« Quem quer ouvir cousas agradaveis, diz tambem cousas agradaveis. »

As palavras descortezes que ouviste, foste tu mesmo que as pronunciaste : soffreste, portanto, o vexame de tua propria grosseria.

O Crocodilo.

No livro de Paulo havia uma estampa de crocodilo, com a competente descripção.

No livro dizia que o crocodilo é um reptil.

Que é um amphibio, porque tanto vive na agua como em terra.

E, ainda mais, que é um animal perigoso.

Luizinha tambem reparou nesse desenho, e achou que o crocodilo era um bicho muito feio.

A' tarde, brincavam os dois no jardim, correndo por sobre os canteiros.

O sol batia em cheio sobre o muro.

De repente, do meio de uma fen-

da do muro, uma lagartixa pôz a cabeça para fóra.

Luiza foi a primeira que a viu.

— Olha, Paulo! que bruto crocodilo.

E' tal e qual o que está no teu livro!

— Êpa! disse Paulo, estremecendo, e saltando para traz. Foge dahi, menina : as meninas não servem para estas cousas! Deixa que eu já o mato!

Luiza retirou-se, correndo, para ir chamar mais gente.

Paulo armou-se de um pau e esperou.

Não era de medo, não!...

A lagartixa nesse instante mostrou o corpo quasi inteiro.

Paulo estremeceu de novo, quasi soltando um grito, e recuou depressa.

— Pensas que eu tenho medo, bichinho á tôa?

A lagartixa tornou a mover-se. Paulo tremeu, e deu um pulo.

Assustada com o movimento do menino, a lagartixa fugiu.

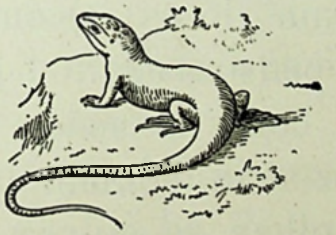
Paulo respirou.

Luizinha já vinha voltando, seguida de Donato.

Sentindo-se orgulhoso da victoria, Paulo correu muito alegre ao seu encontro.

— Não preciso de vocês para nada!

O crocodilo fugiu de medo. Elle conheceu o caboclo!



A mentira disfarçada.

— Não me colhas nem mais uma jaboticaba do pomar! D. Julia dissera á Luizinha.

Luiza era obediente. Prometteu que não as colheria. Mas, um dia, Luizinha foi ao pomar.

As jaboticabas do pomar estavam tão pretinhas, tão reluzentes! E como não estariam doces, assim, tão madurinhas! pensou ella.

Luiza, com as mãos atraz das costas, pôz-se a contemplal-as, com um terno olhar de gulosa...

— Mamãe disse que eu as não colhesse! Não as colherei, não! Mas

como estão bonitas! E suspirou : ai! ai!

Chegou-se um poucochinho mais, para vêr melhor.

— Não apanharei nem uma! Está dito! disse ellá comsigo.

Chegou-se mais.

No tronco, a poucos palmos do chão, algumas jaboticabas quasi cahiam de maduras.

— Não! não! Isso não! Mamãe disse que não, e ha de ser não.

Mas os olhinhos vivos e cubiçosos não se afastavam das ja-

boticabas. A boquinha já estava secca!

Chegou-se bem perto da jaboticabeira.

Com as mãozinhas para traz, inclinou-se um pouco, e trincou, com os dentinhos, a jaboticaba mais bonita.

Depois, uma outra.

Depois, uma terceira; uma quarta; uma quinta.

— Mamãe, agora, não póde dizer que colhi as jaboticabas!

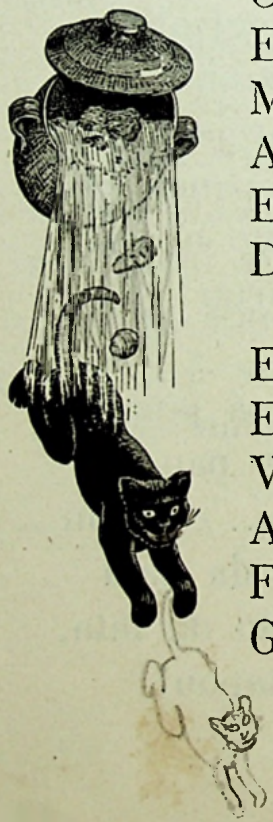
Não sou, pois, desobediente! Comi-as, é verdade; mas não puz as minhas mãos na jaboticabeira.

Gulodice.

Era gulosa a Negrinha!
Andava pela cozinha,
Disfarçada, a farejar;
Mesmo tendo a pança cheia
De jantar, almoço e ceia,
Não se podia fartar!

Subindo um dia á janella,
Viu, no fogão, a panella.
Chegou pertinho... cheirou...
Com a pontinha da pata
Deu sobre o testo da lata,
E a panella destapou!

O caldo, dentro, fervia.
E a gatinha não sabia
O que havia de fazer!
Queimar-se não é brinquedo!
Receiava, tinha medo...
Tinha medo de mexer!



Chegou pertinho, pertinho;
Escaldou quasi o focinho,
Mas a vontade cresceu.
Armou, por fim, a patinha,
E á procura da gallinha
Dentro do caldo a metteu!

Eis que chega a cosinheira!
E, avistando a maroteira,
Vae sobre alla co'um pau.
A Negrinha coxeando,
Fugiu, queimada, gritando,
Gritando : miáu! miáu!

Zuzú.

Zuzú, o alumno que levou o pito, no primeiro dia de aula, tinha um coração muito bom. Mas era irrequieto como um beijaflor : nunca estava socegado.

Quando era pequenino, todos se riam das suas graças. Cresceu; já tem sete annos, e pensa que deve continuar a fazel-as, julgando que ellas serão ainda apreciadas como em outro tempo

O brinquedo não lhe deixa aprender direito as lições. E, não aprendendo as suas, impede que os collegas tambem aprendam as delles.

Distrae a todo o instante os companheiros, fazendo-os rir.

A professora já lhe tem ralhado muitas vezes.

Mas Zuzú não se corrige.

Paulo, entretanto, estima-o bastante.

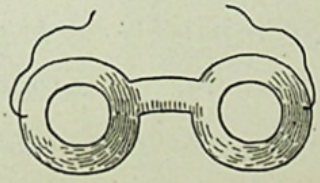
Muitas vezes esquece os estudos por causa dos brinquedos de Zuzú. E eis o que, por causa desta amizade, lhe aconteceu uma vez.

Um dia a professora estava a escrever uma lição no quadro negro.

Zuzú tirou do bolso uns oculos, feitos de cascas de laranja, e os poz no nariz, fazendo carantonhas.

Paulo, que estava olhando para elle, desatou a rir.

A professora, percebendo a causa da gargalhada, e não achando graça nenhuma na pilheria, deixou de castigo, até ás tres e meia da tarde, tanto o palhaço da aula como o seu admirador.



Zilda fugiu.

Quando Luizinha voltou do pomar, foi buscar a Zilda, para brincar com ella.

A boneca tinha desaparecido.

Procurou-a por toda a casa. Nada de encontral-a.

— Mamãe, a senhora não sabe onde Zilda está?

— Zilda foi-se embora.

— Foi-se embora!? E para onde?

— Isso não sei eu. Sei apenas que se foi embora, e que tão cedo não voltará.

— Mas porque, mamãe?

— Porque ella disse que a Lui-

zinha, ás vezes, não procede como deveria proceder.

— Mas eu não colhi as jaboticabas, mamãe.

— E a que vem agora essa historia de jaboticabas? Falo em alhos, e tu me saes com bogalhos!... Zilda disse que se ia embora porque tu tinhas desprezado a Mimi.

— Mas a Mimi é uma boneca horrorosa!

— Sim, é horrorosa, mas foi tua companheira por muito tempo. De-

vias ter-lhe mais alguma consideração. Zilda, quando viu que desprezavas a Mimi, pensou que lhe farias o mesmo, quando ella ficasse feia Foi, por isso, procurar uma outra mamã mais grata.

— Pobre Mimi! pensou Luiza, fui mesmo muito ingrata.

E correu para procural-a.

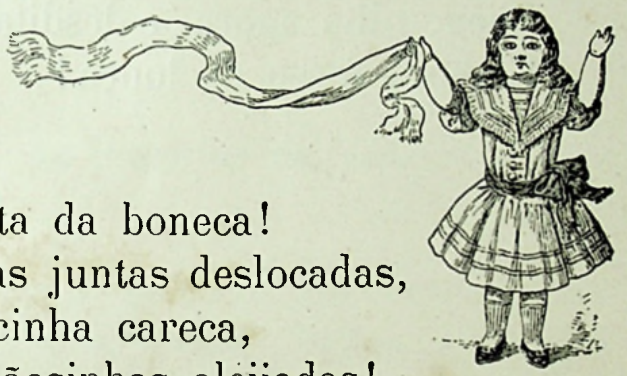
Quando a achou, apertou-a ao peito, com grande carinho.

Depois, perguntou, toda chorosa, á sua mãe:

— Zilda voltará agora?

— Não sei. Ella me disse que só voltará no dia em que praticares uma bôa acção.

Mimi.



Pobrezita da boneca!
Tinha as juntas deslocadas,
A cabecinha careca,
E as mãosinhas aleijadas!

O nariz era um buraco!
Dos olhos restava um só!
O corpo estava tão fraco
Que a todos causava dó!

As pernas, ambas quebradas,
Rolavam, sujas, no chão!
E as vestes, esfarrapadas,
Pediam uma demão!

Tambem já fôra bonita
Nos seus bons tempos de moça:
Chegou-lhe agora a desdita,
Embora fosse de louça!

As historias da Vovó.

A vovó gostava de entreter as crianças com umas bellas historias como só ella sabia contar.

Paulo e Luiza escutavam-na sempre com muita attenção.

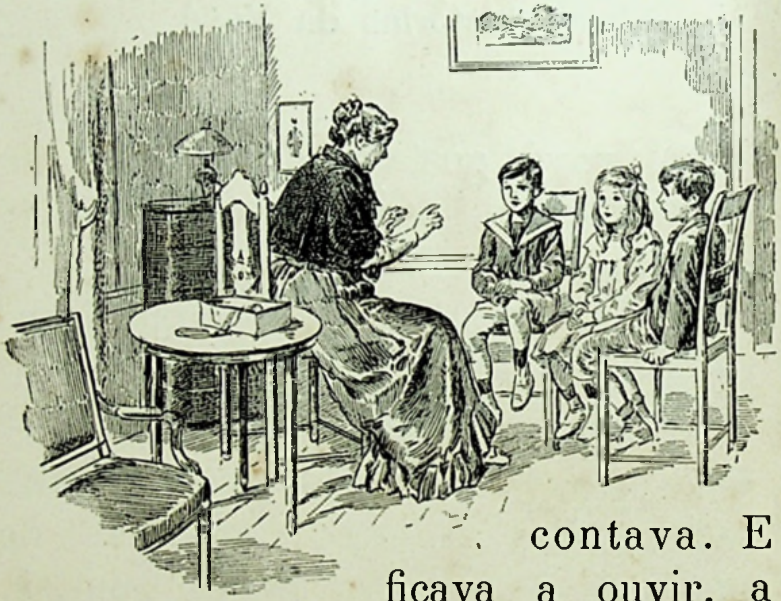
Eram historias de fadas; de animaes que falam; de palacios encantados; de gigantes; de reis; de anões; e de princezas muito bonitas.

No dia em que a vovó tinha de contar as suas historias, Donato tambem vinha ouvil-as.

Mas, dizia que não gostava muito daquellas historias.

— Tudo isso são mentiras. Onde é que se viu um bicho falar?

Mas, assim mesmo, não perdia nenhuma historia das que a vovó



contava. E ficava a ouvir, a ouvir, muito attento, com a bocca meio aberta, e sem se mexer do logar.

Outras vezes eram versinhos que a vovó ensinava aos netinhos.

Todos gostavam de ouvir os taes versinhos.

Um dia, Donato perguntou ao Dr. Silva Ramos:

— Padrinho, para que é que servem as historias que D. Lucia conta? Não é feio a gente aprender mentiras?

— Sim, as mentiras que servem para enganar aos outros. Essas historias, porém, não enganam a ninguem. Quem é que pensa que os animaes falam; que ha palacios encantados; e que os gigantes devoram crianças? E demais, taes historias encerram muita vez certas verdades, que é bem bom que a gente as aprenda.

E Zilda onde está?

— E minha Zilda, mamãe, não sabe mesmo quando voltará?

— Recebi hoje noticias della.

— Está bôa?

— Muito bôa, felizmente; e mandou dizer que está com muitas saudades tuas.

— Então, porque não vem? Eu tambem estou com muitas saudades della!

— Tanto peior, porque Zilda não quer voltar ainda! Continúa a dizer que foste muito ingrata.

— Mas já não sou mais. Sou

muito amiga outra vez de Mimi. Zilda devia, pois, voltar agora.

— Ella espera ainda.

— Espera o que, mamãe ?

— Que a minha Luizinha pratique uma bôa acção. No dia em que praticares uma acção bem bonita, Zilda voltará.

— Está dito, mamãe! Então ella estará hoje mesmo aqui! E' tão facil á gente praticar acções bonitas!

Grosserias, não!

Durante o dia todo Luizinha procedeu ajuizadamente.

Queria que Zilda voltasse.

Por isso, caprichou por ser bem comportada.

Nem brincou quasi.

O dia inteiro passou sentadinha ao pé de D. Julia.

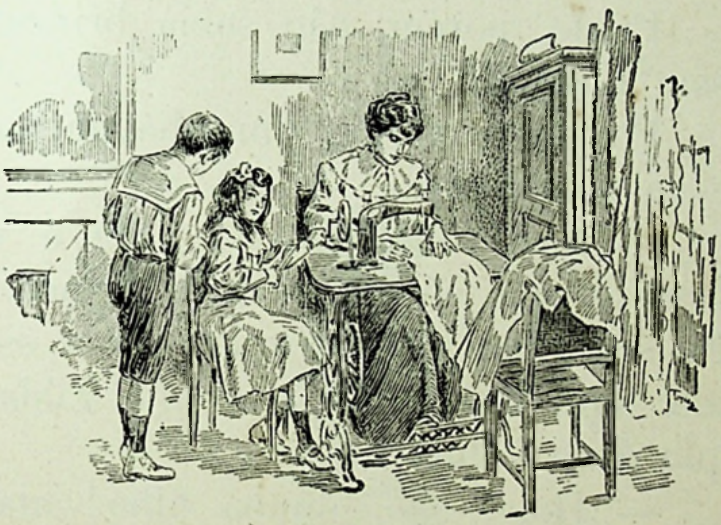
D. Julia estava fazendo costuras na machina.

E Luizinha, para agradar-lhe, pediu para virar a roda.

— Eu não sei ainda costurar, mas posso ajudar um pouquinho, não é, mamãesinha?

D. Julia bem percebeu que naquelles agrados entrava, em muito, o interesse pela volta de Zilda...

Era a bonita acção que Luizinha tinha promettido fazer.



— Sim, tu hoje estás muito boazinha, minha filha. Zilda vae ficar muito contente quando souber disso.

— E voltará hoje?

— Quem sabe! Si continuares a proceder assim!

A's tres horas da tarde, Paulo e Donato voltaram da escola. Logo que entraram, cada um arrumou os livros na sua gaveta, e foram para o quintal.

Paulo, porém, não sabia brincar sem Luizinha.

Por isso, voltou immediatamente e veiu chamal-a.

— Não vou, não. Vá você e o Donato, que só vivem para brincar. Eu sou uma menina quietinha, e estou aqui esperando a minha Zilda, que deve voltar hoje.

— Hoje, não, minha filha! atalhou D. Julia.

— Porque, mamãe?

— Porque ella se arrependeu e voltou do caminho. Ia chegando, mas ouviu que respondias grosseiramente a teu irmão, e fugiu horrorizada!

Zilda não gosta de meninas grosseiras!

Luizinha comprehendeu a sua falta, e seguiu o irmão, muito envergonhada.

Historias da Vovó.

O COELHO E O MARREQUINHO.

Desde pequeninos, um coelho e um marrequinho viviam ligados pela mais estreita amizade.

A tóca do coelho era situada á beira de um regatozinho, de agua muito clara, que corria por dentro de um parque.

Viviam os dois muito alegres e felizes, ora passeiando juntos, ora brincando á sombra fresca de alguma arvore, ora contando bonitas historias.

E assim iam passando descuidosos a vida.

Um dia, o coelho, como de cos-

tume, dirigiu-se á casa do marrequinho, que ficava uns cincoenta passos distante.

Ia buscal-o para jantarem juntos

um bello petisco que tinha achado no parque : uma folha de alface.

Na casa do marrequinho, porém, não estava ninguem.

O coelho, inquieto, pensando já que lhe tinha acontecido alguma desgraça, poz-se a chamal-o afflicto :

— Olá, amigo, onde é que estás?

Não me ouves? Olha que sou eu, o teu amiguinho coelho!...

Mas, debalde gritava : a sua voz perdia-se no profundo silencio.

Desesperado, corre, rodeia a casa não sei quantas vezes, fareja todos os recantos, e vae e vem pela margem do regato. Nada. Afinal, tanto anda, que vae parar quasi em frente ao castello, onde morava o dono daquelles logares.

II

Em frente ao castello estendia-se um grande terreiro, todo cercado de grades, onde se achavam centenares de aves : gallinhas, marrecos, patos, perús e pombos.

A amizade dá coragem.

O coelhinho, sem temer nenhum

perigo, approxima-se corajosamente da grade e olha por uma fresta...

Oh! felicidade! Lá estava o seu querido amigo, no meio dos outros;

mas, triste, triste, e com a cabeça mettida em baixo de uma aza.

Soltou um grito de alegria, e, sem perder tempo, poz-se a cavar, com as quatro patinhas, um caminho subterraneo para ir reunir-se ao marreco.

Cavou, cavou, e de repente eil-o dentro do cercado, radiante de orgulho, como um general que tivesse tomado uma fortaleza ao inimigo!

As aves, amedrontadas, esvoaçavam e fugiam numa gritaria infernal.

O coelho pouco se incommodou com isso; corre para o amigo, arrasta-o, em um abrir e fechar de olhos, para a passagem escura, o conduz pelo subterraneo, e, ai, que felicidade, depõe-no, são e salvo, do lado externo do cercado.

III

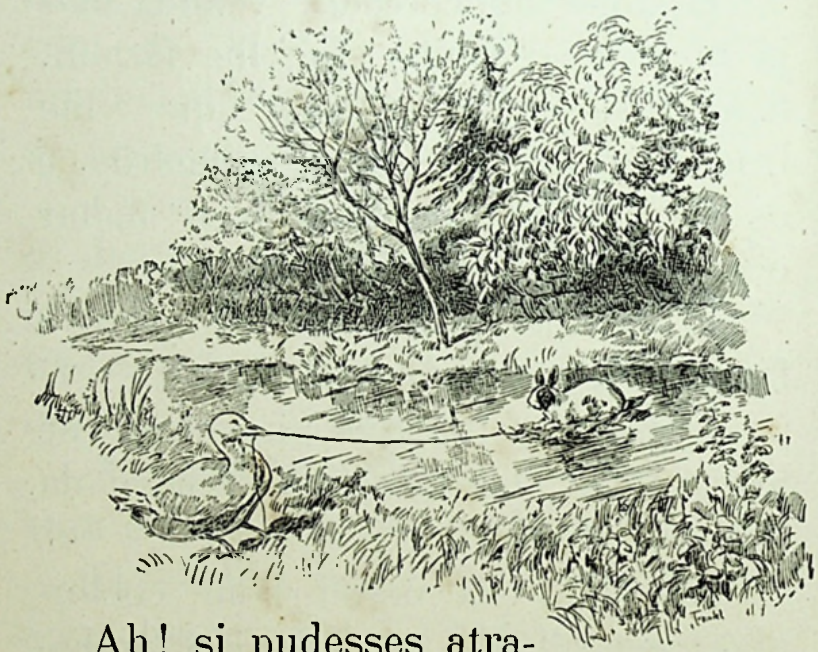
O dono do cercado, vendo, mas já no fim, o roubo que lhe faziam, fica furioso, e manda que lhe tragam depressa uma espingarda e os cães coelheiros, afim de ir matar o audacioso coelhinho.

E lá sae pela beira do rio a fazer uma mortandade horrivel.

Todo o coelho que encontra, cae logo morto com um tiro certeiro da sua espingarda.

Entretanto o nosso bom coelhinho, agasalhado ao lado do amigo em uma cerrada moita, esperava, tremendo, a sua morte; mas não deixava de insistir com o marreco para que fugisse, para que voasse para a outra margem do regato.

— Não, isso não; eu fico ao teu lado, respondeu-lhe a ave. Si morreres, morrerei tambem comtigo.



Ah! si pudesses atravessar o rio!... Mas, porque não poderás? Ora, espera um instante...

E o marreco afasta-se, e pouco depois voltava arrastando um velho e abandonado ninho de patos.

Depois, enche-o de folhinhas verdes, aperta-as bem, une-as com os pés e com o bico, dando ao ninho a fórma de um barquinho, capaz de supportar um pesado fardo; depois de prompto amarra-lhe um cipó, para servir de corda.

O barquinho foi então puxado para o regato, e depois do coelho sentar-lhe em cima, o marreco poz-se a nadar para a outra margem, puxando-o com o bico.

Chegaram á outra margem, sem mais novidade, sãos e salvos, e felizes, e... depois o marreco entrou por uma porta e o coelho sahiu por outra, cantando ambos victoria, e o senhor Donato que conte outra historia.

O Zuzú ainda em scena.

Paulo, por ter culpa menor, foi solto ás tres horas e um quarto.

Zuzú ficou preso até ás tres horas e meia, porque a sua culpa era maior. Mas não se corrigiu.

No dia da quarta lição de historia, que o Alvaro soube perfeitamente, Zuzú, para fazer graça, escondeu-se em baixo do banco, e imitou os miados de um gatinho.

— Miau! miau! fez elle.

Alguns meninos soltaram uma grande gargalhada.

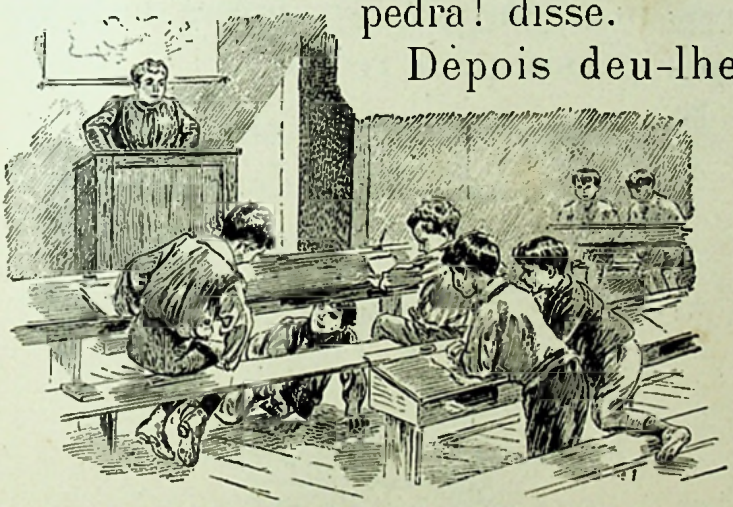
Os alumnos bons, porém, nem lhe prestaram attenção!

— Agora vem castigo feio! disse Paulo a Donato.

A professora mandou Zuzú levantar-se.

— Tome o seu lapis e a sua pedra! disse.

Depois deu-lhe



uma folha de papel, e mandou que copiasse o que nella se achava escripto.

— Copie tudo o que ahi está, mas com muito cuidado, sim? São uns versinhos que você tem de recitar amanhã.

Todos ficaram admirados. Não podiam comprehender aquillo.

Esperavam um castigo para Zuzú, que bem o merecia.

Mas, em vez de castigo, a professora, com voz carinhosa, dava-lhe uma poesia para recitar.

Os versinhos de Zuzú.

Só no dia seguinte é que comprehenderam tudo.

Zuzú teve de recitar esta poesia :

Um pequeno impertinente,
Peraltinha, insupportavel,
Tinha o vicio detestavel,
De brincar constantemente.

Com a cara muito séria,
O professor, certo dia,
Perguntou-lhe si sabia
Qual a bôa ou má pilheria!

Como ao alumno que pensa,
E pensa, nada acudisse,
O bom mestre, calmo, disse :
— Já vae vèr a differença.

« E' — pilheria bòa — a graça
Opportunamente dita,
E que ao riso a prosa incita,
Quando abrolha, enflora e... passa.

E' má, porém, a pilheria,
Si, inopportuna, apparece
E, impertinente, se tece
Na prosa de gente séria.

E' Espirito — que se chama
A' primeira. E á segunda,
Chama e com razão profunda,
O mundo inteiro — Tolice ».

Bonita idéia.

Paulo teve um dia uma bonita idéia.

Lembrou-se de comprar um caderninho, e nelle escrever qualquer cousa que recordasse o seu primeiro anno de escola.

Mas que é mesmo que havia de escrever em seu caderno?

Pensou, pensou. Nada resolveu.

— Diga lá você, Luizinha! Que é que eu hei de escrever no meu caderninho?

— Eu sei lá! Vá perguntar a titio.

Tio José decidiu que o caderninho de Paulo fosse de poesias.

No dia seguinte, Paulo achou, em cima da mesa, um caderno com o seu nome.

Era o tio José quem lh'o dava.

Ao abril-o, encoutrou já uma porçao de versos.

Era a primeira poesia que tio José tinha recitado em sua infancia.

— Estes versos devem então ser muito velhos; não, titio?

— Foram escriptos ha muitos annos, é verdade; mas bem se póde dizer que não são velhos.

— Como assim?

— Porque as cousas bem feitas nada perdem de sua graça com o correr dos annos : parecem sempre novas.

O caderninho de Paulo.

OS VERSOS DO TEMPO DO TIO JOSÉ

Andava um dia,
Em pequenino,
Nos arredores
De Nazareth,
Em companhia
De S. José,
O Deus Menino,
O bom Jesus.

Eis sinão quando
Vê, num silvado,

LOUIS MAITREJEAN

Andar piando,
Arrepiado,
E esvoaçando,
Um rouxinol,
Que uma serpente
De olhar de luz,

Resplandecente
Como a do sol,
E penetrante
Como diamante,
Tinha attrahido,
Tinha encantado!

Jesus, doído
Do desgraçado
Do passarinho
Sae do caminho,
Corre apressado,
Quebra o encanto.
Foge a serpente;

E, de repente,
O pobrezinho,
Salvo e contente,
Rompe num canto
Tão requebrado,
Ou antes, pranto
Tão soluçado,

Tão repassado
De gratidão,
Duma alegria,
Uma expansão,
Uma vehemencia,
Uma expressão,
Uma cadencia,
Que commovia
O coração!

Jesus caminha
No seu passeio;

E a avesinha
Continuando
No seu gorgeio,
Emquanto o via,
De vez em quando
Lá lhe passava
A dianteira;

E mal pousava,
Não afrouxava
Nem repetia :
Mais redobrava
De melodia!
Assim foi indo
E o foi seguindo,
De tal maneira
Que noite e dia,
Numa palmeira
Que havia perto
Donde morava
Nosso Senhor

Em pequenino,
(Era já certo)
Ella lá estava
A pobre ave,
Cantando um hymno,
Terno e suave,
Do seu amor
Ao salvador!

Outra quéda de Luiza.

I

Já ninguem mais se lembrava do caso das jaboticabas, pelo qual, entretanto, Luizinha tanto remorso tinha soffrido. E, talvez porque não fôra castigada, commetteu outra falta ainda mais grave.

O caso foi este :

Tio José trouxera de sua casa um lindo presente para D. Julia.

Era uma duzia de lindas ameixas da Europa.

Essas ameixas elle as tinha colhido no seu pomar, de uma ameixeira

que elle mesmo plantára desde pequenina.

Eram pretas, de uma bella côr avelludada, lustrosa.

Luiza viu as ameixas dentro de um prato, sobre a mesa da varanda, e não pôde resistir á tentação.

Comeu uma.

Mas arrependeu-se logo, porque a pilha de ameixas ficou desarrumada!

Percebia-se muito bem que haviam bolido no prato.

Ninguem, porém, viu que fôra ella.

Ficou por isso um pouco socegada.

— Não saberão que fui eu! pensou. E foi brincar.

A ameixa, porém, não lhe sahia da ideia.

Achou-a muito doce, quando a comeu.

Mas, agora, parecia que a bocca lhe amargava.

Até á hora do jantar, o teimoso sabor da ameixa ainda não a tinha deixado.

O jantar foi posto na mesa.

Luizinha comeu de tudo, mas tudo estava com o mesmo gosto da ameixa.

Veiu, finalmente, a sobremesa.

Eram as ameixas.

Outra quéda de Luiza.

II

O Dr. Silva Ramos pegou no prato, e, dando pela falta da ameixa, exclamou:

— Aqui já falta uma! Quem a teria comido ?

— Eu não fui; disse Paulo.

— Nem eu; disse Donato.

— Nem eu tambem, affirmou Luizinha. Eu nem sabia que aqui em casa havia ameixas!

— Não é pela ameixa; continuou o Dr. Ramos. Si ellas aqui

estavam, eram para ser comidas. Mas é que esta fructa é muito perigosa!

O caroço tem um veneno terrivel

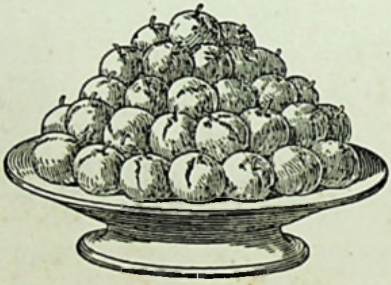
que mata em menos de duas horas! Podia ser que, quem a comeu, engulisse o caroço, e...

— Eu não enguli, não, papae. Atirei-o fóra, quer ver? perguntou Luiza, muito depressa, fazendo men-

ção de levantar-se para ir buscal-o.

Todos se riram do laço em que ella cahira.

A buliçosa ficou vermelhinha e poz-se a chorar.



As historias da Vovó.

AS VIOLETAS PRESUMPÇOSAS

A' noite, Luizinha já estava consolada.

O pae lhe perdoára, e a mãe lhe promettera mandar chamar Zilda, si durante oito dias não mais praticasse acções tão feias como a das ameixas.

E foi já alegre que ella se sentou no cóllo da vovó, para ouvir a seguinte historia :

« No tempo em que as flôres falavam, havia uma menina muito linda.

Era linda de verdade, mas muito vaidosa.

Vivia sempre cheia de fitas e de flôres.

Quando estava assim enfeitada, ia perguntando, a um por um, si não era mesmo uma tetéia.

Uma vez enfeitou-se com muitas violetas.

Poz violetas no peito, nos cabellos, nas orelhas fingindo brincos, segurando na mão um grande ramalhete dellas.

Assim ataviada foi mostrar-se na sala de visitas.

— Vejam como estou bonita! Que perfume eu derramo!

— Ora a tola! Dizer que é ella a cheirosa! Está perfumada, é verdade, mas o perfume sae de nós! disse uma violeta á sua companheira.

Uma espigazinha de trigo, que, com outras, enfeitava o chapéu á jardineira da menina, ouviu a conversa das violetas, e disse por sua vez, á companheira:

— Essas violetas são assim. Fazem-se modestas emquanto não podem sahir do pé rasteiro onde vivem. Quando, porém, se acham em logar elevado, eil-as a mostrar-se tambem vaidosas...

— Ha muitas pessoas que são assim!

Borboletas.

Paulo é terrivel caçador de borboletas.

Com seu saquinho de gaze, preso á ponta de uma varinha, vive a correr atraz dellas.

Já tem uma collecção de borboletas que é uma belleza!

Lá estão, pregadas no quadro, borboletas de todas as côres: amarellas, azues, brancas, rajadas e pretas.

Luizinha tem muita pena das borboletas, que acha tão lindas, a voar de flôr em flor, pelo jardim.

— Não mates mais as pobrezi-

nhas, Paulo! Que mal te fazem ellas?

— Que mal me fazem? Ainda o perguntas? Pois fica sabendo que as borboletas põem ovos; que dos ovos saem lagartas; e que essas lagartas são umas gulosas insaciaveis — comem todas as folhas das nossas palmeiras!

— Oh! que damninhas!

— E que si não fossem os passarinhos, que acabam com os ovos dellas e tambem com as lagartas, não teriamos, por exemplo, ja-bo-ti-ca-bas... a-mei- xas... disse Paulo, pausadamente e contando pelos dedos.

E olhou maliciosamente para a irmã.

Luizinha soltou um suspiro e ficou muito vermelha.

— Não te zangues, bobinha; eu estava caçoando. Mas imagina o que seria das fructas, si os passarinhos não devorassem as lagartas!

E' por isso que eu quero bem aos passarinhos e não os persigo. Mas contra as borboletas, essas gulosas, hei de fazer uma guerra terrivel.

— Ah! Paulo! São tão bonitinhas!

— Bonitinhas... bonitinhas! De que serve a sua boniteza, si ellas são tão más?!

Não peças!

D. Julia apromptou Luiza para ir visitar a madrinha, que fazia annos.

Vestiu-lhe um vestidinho branco, enfeitado com fitas côr de rosa, cacheou-lhe os cabellos; e prendeu-lhe uma flôr ao peito.

Luizinha ficou muito chic!

Antes da creada sahir com ella, D. Julia fez-lhe muitas recommendações.

— E, principalmente, não me peças cousa alguma á tua madrinha! Nem fructas, nem doces, nem nada.

Espera sempre que ella te offereça, sim, minha filha?

Luiza, ao chegar á casa da madrinha, saudou-a com muita graça.

A madrinha abraçou-a e beijou-a muito alegre.

Entraram para a varanda.

Sobre a mesa, na fructeira, estava uma bella pilha de fructas.

Havia laranjas, abacates, mangas, peras e maçãs.

Mas a madrinha não offerecia nada.

Luizinha deu duas voltas em redor da mesa, olhando para a madrinha e para as bellas fructas.

A madrinha fingiu não entendel-a.

— Sabe, madrinha? disse afinal Luizinha, eu agora sou muito obediente.

— Ah! sim? Pois fazes muito bem, minha filha: assim devem proceder todas as meninas educadas!

— Ainda hoje mamãe me recommendou uma cousa, e eu não me esqueci, nem me esqueço...

— E que foi que tua mãe te recommendou?

— Não posso dizer.

— Ora, dize, sim?

— Está bom, eu digo. Mas digo só porque a senhora mandou, e eu quero ser obediente.

— Pois é isso mesmo!

— Mamãe me recommendou que não pedisse fructas, ainda que fossem bonitas como estas.

— Ora veja! Mas não prohibiu de comel-as?

— Isso não, ella não prohibiu, não senhora!

— Pois então, vamos comer as que aqui estão.

— Mas eu não pedi, não é madrinha?

— E', minha filha, tu não pediste nada.

E a madrinha, sorrindo, foi buscar uma faca e um prato, e descascou as fructas mais bonitas para a sua gentil afilhada.

Uma carta.

Luizinha quando se levantou no dia seguinte, encontrou uma carta em cima da mesa.

A creada disse que era para ella.

Rasgou, então, o enveloppe, e procurou adivinhar o que a carta dizia. Desistiu, porém.

Não sabia ainda lêr.

— Papae! Quem seria que me mandou esta carta?

O Dr. Silva Ramos, que fingia lêr um jornal, para melhor observar a filhinha, fez que não entendeu a pergunta.

— Que é, minha filha? Que é que perguntaste ?

— Eu perguntei quem me teria mandado esta cartinha?

— Não sei. Vê a assignatura que ahi está!

— Já vi, mas a letra está tão ruim, que não posso lel-a.

— Dá-m'a aqui; talvez eu o possa.

Luizinha deu-lhe a carta.

O Dr. Silva Ramos, fingindo lêr com difficuldade, foi soletrando : Z-i-l- — Zil, d-a — da... Ah! esta carta é da tua boneca, da Zilda.

— Ai! a pobrezinha! exclamou Luizinha, dando uma alegre gargalhada, que fez rir tambem ao Dr. Ramos.

— A Zilda não se esqueceu de mim! Coitadinha da Zilda! Que é que ella me manda dizer, papae? Leia depressa...

E Luizinha approximou da carta a risonha carinha como para acompanhar a leitura que o pae ia fazer.

O Dr. Ramos leu, bem compassadamente :

« Minha bôa mamã Luizinha:

Escrevo-lhe esta carta — para prevenil-a de que — no domingo —

bem cedo, — eu volto — para a sua companhia.

A senhora — tem sido muito obediente. Eu estive — em casa de sua madrinha — e vi. Agora — não tenho — mais medo — da sua — ingratidão. Eu estou bôa. Já tenho — um vestido novo. Até domingo. — Zilda. »

Luizinha, muito alegre, poz-se a pular, batendo as mãozinhas, e foi contar a todo o mundo que Zilda mandára dizer que voltaria no domingo.

De repente, da porta do quarto, surgiu uma cabeça curiosa e risonha.

Era a do Victor. Tinha sido o Victor o autor da carta.

Carantonha.

Luizinha, não cabendo em si de contente, foi para o quarto da mãe e pegou o espelho para vêr si a sua carinha poderia agradar a Zilda.

— Larga o espelho, minha filha. Pódes quebral-o.

— Quero vêr si estou bonita, mamãe.

— Largue o espelho, e não seja teimosa!

Luizinha largou-o, porque não mais queria desobedecer, mas ficou fazendo beicinho.

— Que é isso agora, Luizinha? Vaes chorar!

— Eu queria vèr si estava bonita, mamãe!

— Ah! era isso! Pois bem, então eu mesma mostro.

E segurando o espelho, D. Julia pôl-o em frente ao rostinho da filha, dizendo :

— Olha só que boniteza!

Luizinha olhou, olhou, achou

engraçada a cara feia que estava fazendo, e desatou a rir.

Depois abraçou-se á cintura de D. Julia, escondendo a carinha envergonhada, e disse :

— Nunca mais, mamãe! Nunca mais eu farei isto.

A gente fica muito feia!

O caderninho de Paulo.

MEUS GOSTOS

A primeira poesia que Paulo escreveu no seu caderninho, tinha o titulo — *Meus Gostos*.

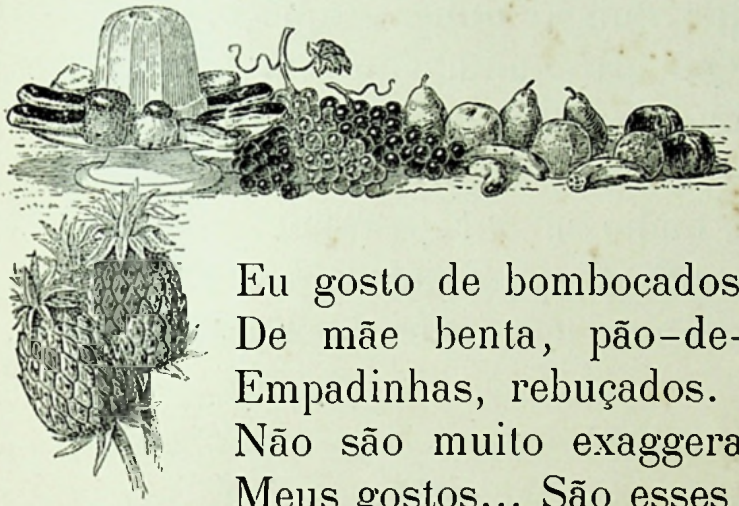
Que differença entre a sua letra e a do tio José!

A sua letra eram uns garranchos muito sem geito.

Mas, com o tempo, ella havia de ficar bonita.

Era esta a poesia :

MEUS GOSTOS



Eu gosto de bombocados,
De mãe benta, pão-de-ló,
Empadinhas, rebuçados.
Não são muito exaggerados
Meus gostos... São esses só.

Esses só, não... e mangabas,
Uvas, mangas, cambucis,
Laranjas, jaboticabas,
Bananas e abacaxis.

Tambem gosto de passeio,
E, ainda mais, do brinquedo;
O cansaço não receio,
Por isso, brinco sem medo.

Porém, o que mais estimo,
O que nunca, nunca esqueço,
— Que para mim não tem preço —,
Mais que tudo, muito mais,
E' o santo e seguro arrimo
Que tenho no lar paterno :
E' o affecto puro, terno,
E' o amor dos meus bons paes.

Mentirosa... não.

— Como a Ritinha é mentirosa, mamãe!

— Mentirosa, Luizinha? Oh! Nunca digas uma palavra tão feia!

— Mas é que ella me pregou uma pêta tão grande, uma mentira tão forte, que ninguem póde acredital-a!

— Mas, que foi que ella te disse?

— Que tinha uma boneca melhor do que Zilda.

— Pois, não póde haver então, uma boneca melhor do que a tua?

— Póde, sim. Mas é que disse

que a della tinha os cinco sentidos : a vista, o ouvido, o olfacto, o gosto e o paladar!

— Talvez o dissesse brincando.

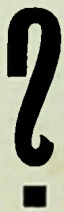
— Não foi brincando, não! Ella até prometteu trazel-a aqui para eu vêr.

— Então não devias chamar-lhe mentirosa, antes de vêr si ella cumpria a sua palavra.

— Mas não cumpre, não, mamãe. Ella nem vem cá, mamãe ha de vèr!

Uma boneca com os cinco sentidos, onde é que se viu?!

— Sempre é bom esperar, minha filha.



A boneca dos cinco sentidos.

I

Ritinha cumpriu a palavra.

A' tarde, trouxe a boneca dos cinco sentidos.

A boneca via muito bem com seus olhinhos vivos e espertos.

Virava-se para qualquer lado donde a chamavam.

Ouvia perfeitamente.

Segurava o que lhe davam.

Cheirava as fructas que segurava, e, si gostava do cheiro, levava-as logo á bocca e comia.

Estava toda vestida, e só se lhe viam o rosto e as mãozinhas.

O rosto era preto, pelludo, feio.

As mãozinhas tambem eram pretas e cheias de pello.

Luizinha não tirava os olhos da boneca.

Dava-lhe docinhos que ella comia, fazendo caretas.

Depois de muito se mexer nos braços da Ritinha a boneca deu afinal um pulo para cima da mesa.

O seu vestido levantou-se um

pouco, e appareceu então uma cauda muito pelluda.

Luizinha achou graça naquillo e riu-se muito. Mas ficou tambem convencida de que havia bonecas com os cinco sentidos... e com rabo!...

E arrependeu-se de haver dito que a Ritinha era mentirosa.

A boneca dos cinco sentidos.

II

Foi uma festa entre as crianças a *boneca* da Ritinha

O macaquinho divertiu-as durante muito tempo.

A' tarde, tio José veiu tambem fazer côro com ellas.

Assim que chegou, Luizinha foi-lhe ao encontro, e contou as proezas do macaquinho.

— Não é bonita a tal boneca, hein, titio?

— E' sim, e muito parecida comtigo.

— Parecida commigo? Então eu sou macaca?

— Não, não és macaca, mas tens tudo quanto um macaquinho

tem. Queres vêr? Vem cá, Donato. Como se divide o teu corpo?

— Em cabeça, tronco e membros.

— Tal e qual como o macaco, não é verdade? E que partes tem a tua cabeça?

— Duas : craneo e face.

— E na tua face, que é que ha de mais importante?

— Os olhos, o nariz, a bocca e os ouvidos.

— Bem. O macaco tambem tem tudo isso. Quantas qualidades de dentes tens tu?

— Os incisivos, na frente da bocca; os caninos, junto dos incisivos; e os molares, que servem para mastigar.

— Já estás quasi um doutor. E' isso mesmo. Agora vamos ao tronco; quantas partes tem elle?

— O thórax e o abdomen.

— E os membros, como os divides?

— Em membros superiores, que são os braços; e membros inferiores, que são as pernas.

— Ora ahi está! concluiu o tio José. O macaco, como viste, tambem tem thórax, abdomen, braços e pernas. Logo, é parecido comtigo, Luiza.

— E com o senhor tambem, titio, tenha paciencia, replicou, rindo, Luizinha.

— Devéras?

— Sim; devéras mesmo. Apenas o seu corpo e de feitio differente, como differente é o de um boi, o de um cabrito, e o de todos os outros bichos!

— Bichos, Luizinha! Então, eu, tu, Donato, Paulo, teus paes, nós todos, emfim, somos bichos! Oh! isso é muito forte!

— Nós, não; mas o cavallo, o boi, o cabrito e os outros animaes são bichos.

— Queres dizer que são bichos os animaes que têm corpo como nós temos, mas corpos differentes no feitio, não é isso?

— Sim, senhor.

— Então, não se poderia dar um nome só a tudo que vive e tem corpo, fôsse lá de que feitio fôsse?

— Podia ; mas, os *bichos* não são *gente!*

— Não são, e são. Pois elles não nascem, não crescem, não comem e não bebem para viver, não adoecem e não morrem exactamente como nós?

— E', titio, mas...

— Vejo que só te falta a palavra para exprimires o que percebes, mas não sabes dizel-a. São *animaes,* é o que queres dizer, tanto elles, como nós. Nós, porém, os

tratamos assim, ou chamamos bichos aos animaes menos intelligentes que nós, reservando o nome de *gente,* para nós, que com elles habitamos a Terra e nos consideramos seus superiores.

Volta de Zilda.

I

Domingo! é hoje o dia em que a Zilda vae voltar.

Luizinha levantou-se muito cedo e correu para a varanda.

Alli, por toda a parte, nos batentes, nas paredes, nas vidraças, já estavam pregados uns letreirozinhos de papel.

Eram annuncios.

Nelles estava escripto : « Chegará hoje, a esta casa, a sra. D. Zilda ».

Em alguns, cartazes, a letra era de Paulo.

Em outros, conheciam-se as garatujas do Donato.

Todo o mundo estava alegre.

Luizinha estava alegre, porque ia tornar a vêr a sua querida boneca.

Donato e Paulo estavam alegres, porque queriam vêr o resultado da sua brincadeira.

O Dr. Silva Ramos e a bôa D. Julia tambem estavam alegres, porque viam alegres os seus queridos filhinhos.

Até o Victor, o santarrão, tomava parte na alegria geral.

Elle comprou nozes, amendoas e

avellãs, e uma garrafa de licôr, e deu tudo á Luiza para ser mais solenne o banquete.

Porque era com um banquete que Zilda ia ser esperada.

Volta de Zilda.

II

Dez horas.

Luizinha já tomou o seu banho, e está graciosamente vestida de branco.

O coração pula-lhe ancioso dentro do peito.

Ella sentou-se na cadeira de balanço para esperar a hora. Mas está muito impaciente.

— E tio José que não chega! Arre, tambem que demora.

Sem o tio José não chegaria a Zilda.

Onde estariam o Paulo e o Donato?

Ah! esses tinham desapparecido no quintal.

— Tan-tan-tan. Bateram á porta. Seria a Zilda?

Não; era o tio José todo abotoado na sua sobrecasaca preta.

— Que demora, titio! disse a Luizinha, meio arrufada.

A toalha, alva e adamascada, já estava estendida sobre a mesa.

Nas duas fructeiras de porcellana branca apinhavam-se as fructas.

As jarras tinham bellos ramalhetes de rosas.

Emquanto esperava, tio José pozse a comer um cacho de uvas.

— Então, Luizinha, quando é que chega essa tal senhora D. Zilda?

Luizinha não teve tempo de responder.

Ouviu-se uma buzina tocando no quintal.

Era o signal com que Donato avisava a vinda da boneca.

Luizinha deu um pulo da cadeira, soltando um suspiro.

LOUIS MAITREVEAN

Chegou, emfim!

Trepado em um dos galhos mais altos da pitangueira, Donato esperava a chegada do povo, para fazer a Zilda descer do céu.

Zilda desceria num balão, construido de uma caixinha de charutos bahianos, presa a seis bolas de borracha, cheias de gaz.

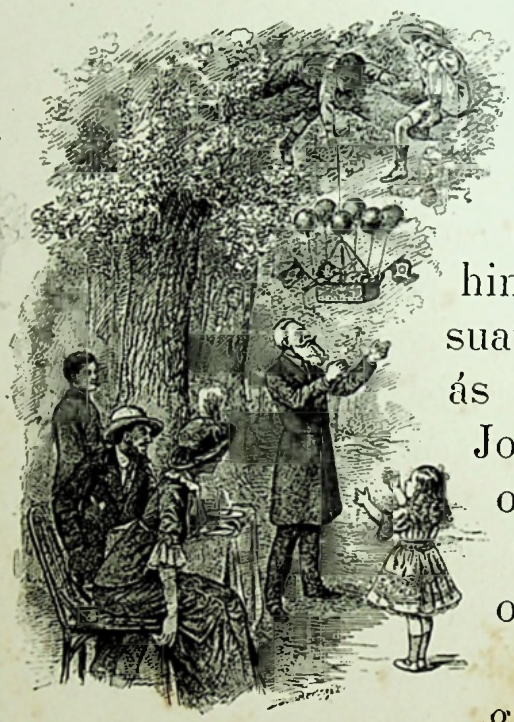
O balão estava todo enfeitado de bandeiras nacionaes, feitas de papel de seda.

Paulo havia ficado de sentinella na primeira jaboticabeira do pomar.

Assim que viesse o povo, elle tinha de gritar: Viva a Zilda!

Era esse o signal combinado com Donato.

De repente ouviu-se o *viva!* que o éco repetiu.



Donato soltou, então, a caixinha, que veiu cahindo, cahindo, suavemente, até ás mãos de tio José, que tinha os braços estendidos para o ar.

Luiza seguia com muito interesse a descida do balão, e ria-se, ria-se gostosamente, batendo palmas.

Tio José pegou o balão, e, entre-

gando-lh'o, exclamou, em latim, com uma cara muito comica:

— Luiza, *ecce filia tua!* Eis a tua filha!

Luiza recebeu-a toda alegre, e beijou a boneca, soffregamente, muitas e muitas vezes.

Depois, foram para a mesa do banquete.

A festa correu muito alegre, no meio das risadas dos dous rapazes, que não cessavam de explicar a historia do balão.

Luizinha tão alegre estava, que até perdeu o appetite!

Comeu só uma maçã; mas, emquanto a comia, sorria-se para a boneca, de que não afastava os olhos, e apertava-lhe a barriga para ouvil-a dizer, numa vózinha sumida:

— Mamã! Mamã!

Os oculos.

A casa estava deserta.

O Dr. Silva Ramos tinha sahido para visitar os seus doentes. D. Julia fôra ao mercado.

Paulo e Donato estavam na escola. E a vovó, a bôa velhinha, havia ido á egreja.

Luiza, ficára, pois, sósinha com a creada.

Brincou com Zilda, mas depressa ficou cançada.

Quiz concertar as pernas de Mimi, mas, não o conseguindo, pôl-a de novo na caixa.

Tupy fugira para o jardim, para aquecer-se ao sol.

Negrinha andava por sobre o telhado.

Luiza abria a bocca de instante a instante.

Ih! como estava aborrecida!

Lembrou-se, então, ad vovó, quando não tinha o que fazer.

Abriu um livro para lèr.

Não viu nada de agradavel!

Como é que se podia gostar daquella porção de garranchos pretos?

Ao menos si fossem figuras!

— Ah! mas vovó lè com oculos. Sim, é isso que me falta.

Foi buscar os oculos na cestinha de costura. Pôl-os sobre o nariz, sentou-se, e abriu outra vez o livro.

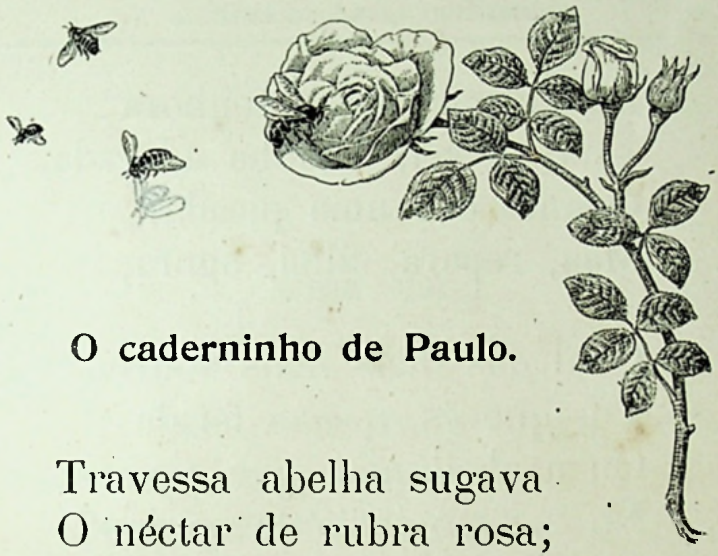
— Ué! mas agora é que eu não vejo nada! disse ella. Parece que as letras se apagaram!

D. Julia ainda encontrou Luizinha naquella posição.

— Ah! queres lêr com os oculos da vovó? Não é de oculos que precisas para lêr, minha filha. O que precisas é de aprender, e para aprender é preciso ires á escola.

— Então, mamãe, mande-me para a escola, sim?

— Sim, has de ir, minha filhinha. Para o anno eu te porei na escola. Estás ainda muito pequenina. E a gente não deve nunca fazer as cousas antes de tempo.



O caderninho de Paulo.

Travessa abelha sugava
O néctar de rubra rosa;
Maria, que é buliçosa,
E que nem sempre escutava

O que a mamã lhe aconselha,
Sem dó á flòr lança a mão.
Espreme-a; mas o ferrão
Cravou-lh'o no dedo a abelha!

Soltando um grito, Maria
Desata em dorido pranto.
Accóde a mãe. Entretanto
A abelha, morta, cahia!

Ao chegar, diz a senhora:
— Bem sei, filhinha adorada,
Quanto dóe uma picada!
Mas, repara, filha, agora,

Qual das duas mais soffreu:
Tu, que és apenas ferida,
Ou a abelhinha, que a vida
No mesmo instante perdeu?!

No mundo tudo assim é,
Só aos outros censuramos,
Mas o mal que praticamos,
Nunca delle damos fé!...

Uma visita.

D. Julia vae sahir para visitar uma vizinha.

Não quiz ir sósinha, e, para acompanhal-a, chamou o Paulo, que brincava muito distrahido no jardim.

— Ora, mamãe! A senhora bem podia deixar-me brincando.

— Meu filho, um menino bem educado nunca responde assim á sua mãe! Vem, anda!

Paulo obedeceu, mas fechou carranca. Não era de bôa vontade que elle ia!

Durante todo o caminho, não disse uma palavra.

Entretanto, em casa de D. Noemia, para onde se dirigiam, havia dous meninos muito alegres, que gostavam muito delle.

Paulo entrou todo carrancudo.

D. Noemia recebeu a sua amiga com demonstrações de sincera alegria. Procurou tambem agradar Paulo; mas, notando a sua frieza, deixou-o para conversar com D. Julia.

Esperava que seus filhos, quando voltassem da rua, o distrahissem.

Pouco depois chegaram os meninos.

Cumprimentàram D. Julia, beijaram sua mamã, e convidaram Paulo para brincar.

— Não sei si poderei ir, respondeu elle, comparando o seu procedimento com o dos meninos; eu só posso fazer o que mamãe mandar.

D. Julia, com uma voz cheia de commovida tristeza, disse no mesmo instante:

— Vae, meu filho, vae brincar com teus amigos.

Uma injustiça géra outra!

Paulo começou a brincar sem enthusiasmo. Lembrava-se da injustiça que tinha feito á sua bôa mãe.

Estava arrependido.

Si tivesse coragem, ia pedir-lhe perdão e dar-lhe um beijo, alli mesmo, na sala, em presença de D. Noemia e de seus filhos.

Era o que deveria fazer. Mas um bichinho máu — o orgulho — não deixava que elle tivesse um tão bello procedimento!

O seu coração, porém, estava apertado, com um grande remorso a affligil-o!

— Pobre mamãe! Tão bôa e tão carinhosa! exclamava dentro de si, quasi sem querer. O orgulho, porém, reagia.

Entretanto, o brinquedo foi es-

quentando, e, já completamente distrahido, Paulo esqueceu a sua falta.

Os meninos gostaram muito delle.

Ao anoitecer, tiveram de termi-

nar o brinquedo. D. Julia já se ia embora, e chamou Paulo.

Quando este se despedia dos amiguinhos, um dos meninos disse ao irmão:

— Que pena a mãe de Paulo ser tão má! Paulo é tão bomzinho! Si ella não fosse assim, nós iriamos brincar um dia á casa delle, não é?

Paulo, ao ouvir aquella censura á sua mãe, ficou muito vermelho. Voltára-lhe o remorso. Sentia agora a grandeza de sua falta.

Afinal, vendo que sua querida mãezinha era julgada tão injustamente, teve coragem e protestou:

— Não, minha mãe não é má! Eu é que fui máu, que fui injusto para com ella! Ninguem tem uma mãe melhor do que eu!

Convite.

II

Nesse mesmo instante chegavam as duas senhoras.

Ellas ouviram ainda as ultimas palavras de Paulo.

D. Julia sorriu-se satisfeita, pois as palavras de seu filho lhe alegravam o coração.

Todas as mães são assim. Gostam de descobrir bellos sentimentos em seus queridos filhos.

— Eu é que fui máu e que fui injusto para com ella! tinha dito Paulo.

— E foste mesmo, meu filho, porque tu bem conhecias quanto tua mãe é bôa e extremosa! respondeu-lhe quasi no mesmo instante D. Noemia, puxando-o para si e beijando-lhe a cabecinha.

Paulo olhava commovido para D. Julia, que tambem o contemplava, com uma caricia enorme no olhar!

— Bem; agora vamo-nos embora, Paulo, que já é tarde. Despede-te dos teus amiguinhos, e convida-os para irem domingo brincar comtigo lá em casa.

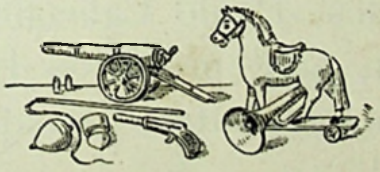
— Vocês vão? perguntou Paulo, já alegre.

— Hão de ir, sim, disse D. Julia, e D. Noemia tambem irá, porque é o dia de meus annos, e eu gosto sempre de festejal-o na companhia das crianças e dos bons amigos.

— Não faltaremos, minha amiga.

Quando D. Julia e Paulo se retiraram, os filhos de D. Noemia exclamaram admirados :

— Como é bôa a mãe de Paulo!



As historias da Vovó

O CAMPONEZ DE JUIZO

A' noute, emquanto esperavam o chá, a vovó reuniu a criançada em roda da sua cadeirinha baixa, e pozse a contar a historia do camponez ajuizado.

Era uma vez, começou ella, dous camponezes.

Ambos eram teimosos. Chamarei a um delles, Paulo Cabeçudo...

— Eu, não! protestou Paulo.

— ...e, ao outro, Donato Cabeça de Pedra!

— Ora, decerto! disse o caipirinha, rindo-se.

— Esses dous camponezes trabalhavam um dia, cada um com a sua carroça. As carroças estavam carregando tijolos.

No caminho, por onde elles passavam, havia um corrego, e, sobre o corrego, uma pontezinha feita de taboas.

Aconteceu que, tendo-se demorado um pouco, um dos carroceiros, o outro já vinha de volta, e os dois se encontraram na entrada da ponte.

Tiveram de parar os dous, por-

que a ponte era muito estreita, e só dava passagem para uma carroça de cada vez.

— Arreda! disse um delles. Tenho pressa de voltar para casa.

— Arreda tu, que a tua carroça já está vasia! Eu tambem tenho muita pressa e estou um pouco atrazado.

— Nada! nada! Eu aqui cheguei primeiro, e hei de passar primeiro.

— Não está má essa! Pois não has de passar antes de mim.

E depois de muito discutirem assim, sentou-se cada um em sua carroça, á espera que o outro cedesse.

Nesse momento chegou um terceiro camponez. Vendo o que se passava, exclamou :

— O que me parece é que nenhum dos dous tem pressa. Pois

arrede um a carroça, que o outro passará, e assim ambos passarão:

Depois de terem perdido mais de meia hora, acceitaram, emfim, o conselho, e Paulo Cabeçudo voltou para sua casa, e Donato Cabeça de Pedra foi descarregar a sua carroça!

As historias da Vovó.

OS DOUS CAMARADAS

— Ora, essa historia não prestou, vovó! Conte outra mais engraçada, disse Luizinha.

— Como não prestou?

— Eu não gostei! confirmou Paulo.

— Nem eu, animou-se a dizer Donato.

A bôa vovó, como era muito complacente, apromptou-se para contar outra.

Mas os brejeiros tinham na verdade gostado da historia dos camponezes. O que elles queriam era

que a vovó contasse outra historia. E ella cahiu no laço, a bôa velhinha!

— Pois vou contar a historia dos *dous camaradas* : querem? perguntou.

— Queremos! queremos!

— Então, ahi vae : Uma vez dous amigos passeavam por uma floresta.

De repente viram um grande urso, que veiu para elles com muita vontade de comel-os.

Um dos amigos correu para a unica arvore que havia perto, tre-

pou depressa a ella, e ficou bem escondidinho lá em cima, na sua cópa folhuda.

O outro, que não teve onde esconder-se, deitou-se de bruços no chão, e fingiu que estava morto.

O urso veiu vindo, veiu vindo, chegou, farejou algum tempo o homem que estava deitado, mas como elle não se mexesse, pensou que estava mesmo morto, e seguiu para deante.

Quando o urso estava bem longe, o amigo, que tinha fugido, desceu da arvore, e perguntou ao que tinha sido farejado pelo urso :

— Que é que o urso te disse ao ouvido?

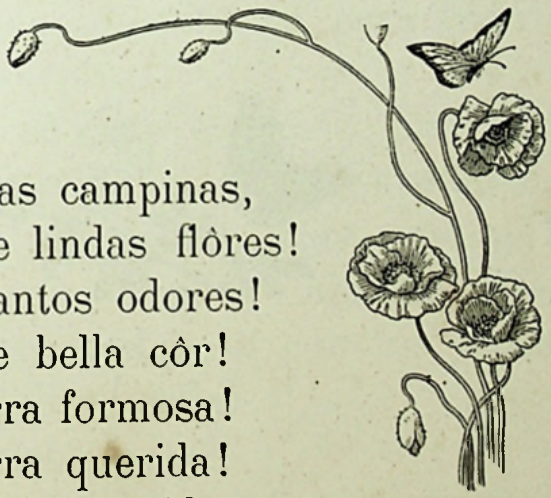
— Nada. Elle apenas me avisou que aquelle que abandona um companheiro em perigo é um covarde.

E agora, concluiu a velhinha levantando-se para ir para a mesa do chá — entrou por uma porta e sahiu por outra, e a Vacca Victoria que conte outra.

O caderninho de Paulo.

Como são lindos
Os passarinhos,
Que têm seus ninhos
Nos palmeiraes!
Cantam nas mattas
Mil harmonias
E melodias
Sentimentaes!

Como são bellas
As borboletas,
Que, desinquietas,
De flòr em flòr,
Num vôo constante,
E em torno dellas,
Sobre as mais bellas
Se vão dispòr!



Pelas campinas,
Que lindas flòres!
Quantos odores!
Que bella côr!
Terra formosa!
Terra querida!
De nossa vida
E's puro amor!

Terra de sonhos!
Tardes amenas!
Noutes serenas!
Terra gentil!
Que formosura!
Quanta belleza
Na natureza
Tens, ó Brasil!

Nuvens... côr de rosa.

Estava-se na sexta-feira.

Faltavam, pois, dois dias para o anniversario de D. Julia. A criançada andava conspirando para fazer-lhe uma surpreza.

Eram só conversinhas em voz baixa, segredinhos, risos abafados.

— Ih! mamãe vae ficar contente! disse de uma vez a Luizinha, batendo as mãozinhas, e com os olhos brilhantes de alegria!

Que iriam fazer?

Ninguem sabia, sinão as crianças e o tio José.

Era tio José quem estava preparando tudo.

— Vè lá, hein, Paulo? Não me vás fazer fiasco! recommendava elle a todo o instante.

— Esteja descançado, titio!

— Sim,

de ti estou; mas quanto a este teimoso... não sei o que irá fazer!

O teimoso era o Donato, que, nem por nada queria contar o que pretendia fazer.

— Pois bem, rapaziada, dizia tio José; preparem-se que a cousa é para depois de amanhã!

Entretanto, D. Julia, alheia a tudo, andava cuidando dos doces, de que já tinha feito uma grande porção.

A imagem dos filhos.

A' tardinha, depois do jantar, D. Julia foi descançar um pouco na cadeira de balanço.

Luizinha correu logo para o seu cólo.

Naquelles dias quasi não sahia de junto de sua mãesinha.

Não cessava de contemplal-a.

Passava-lhe pela testa, carinhosamente, as mãosinhas polpudas e côr de rosa.

— Quantos annos mamãe vae fazer? perguntou ella, de repente.

— Não sei, minha filha, já perdi a conta! Mas parece que vou com-

pletar cem annos! respondeu D. Julia, brincando.

— Cem annos! Oh! que engraçadinha! disse Luiza fazendo um muchocho, e olhando zombeteiramente para sua mãe.

De repente desatou a rir gostosamente.

— De que te ris? Pois eu já não sou uma velhota?

— Ah! não é disso, mamãe. E' que estou vendo a minha carinha nos seus olhos! Como é que eu posso estar nos seus olhos, mamãe?

— Porque tu es minha filhinha querida! Não sabes então que a imagem dos filhos está sempre nos olhos

e no coração de suas mãesinhas? Não sabias?! Pois fica sabendo agora!

Luizinha enternecida, curvou a cabeça de D. Julia até á altura de sua boquinha, deu-lhe um beijo bem demorado, e disse immediatamente:

— As bôas mãesinhas tambem estão sempre na bocca dos seus queridos filhinhos! A senhora não sabia?! Pois fique sabendo agora!

Ultimo dia de aula.

Paulo, Donato e Zuzú estavam alegres a mais não poder.

Ia fechar-se a escola.

Não era tempo ainda, mas foi preciso fechal-a.

Appareceu um caso de variola na vizinhança.

A professora, de medo que algum alumno não vaccinado apanhasse a molestia, resolveu suspender as aulas quinze dias mais cedo.

Paulo, Donato e Zuzú é que exultaram de alegria.

No sabbado, que era o ultimo dia

de aula, lá foram contentissimos despedir-se da mestra.

O Alvaro já se achava na escola.

A professora expoz o motivo por que ia fechar a escola. Depois recommendou aos alumnos que se divertissem bastante durante as férias, mas que não se esquecessem della, nem dos estudos.

Historia da Vovó.

A BÔA PULGUINHA

Era uma vez um rei muito máu.

Seu coração era tão duro, tão desamoroso, que se diria feito de pedra.

Tambem ninguem o estimava, e a vontade de cada um dos seus subditos era que elle nunca tivesse um momento de alegria.

Ora, uma pulguinha, que morava no Palacio Real, compadecida da sorte do infeliz povo, jurou comsigo que havia de converter aquelle máu rei fôsse lá por que meio fôsse, e de

fazel-o mais bondoso e mais amigo dos que soffriam.

Assim, uma noute, logo que o rei se deitou para dormir, ella foi saltando, saltando, até chegar pertinho da cama, onde elle dormia, e que era muito baixinha e dalli, dando um pulo, conseguiu subir-lhe em cima, indo cahir sobre um dos pés do rei.

Firmou-se bem nas suas seis perninhas e... *tique!* deu-lhe uma picada.

O rei puxou depressa o pé, resmungando:

— Ui! que dôr!

E virou-se para o outro lado, para continuar a dormir.

— *Tique! tique! tique!* mais tres picadas lhe deu a pulguinha.

O ferrãozinho della mergulhava nas carnes do rei, como um alfinete bordando uma folha de cartão.

Lá estavam já quatro pequeninas manchas vermelhas.

— Que será isto ? perguntou o rei, o pé mordido coçando.

— Sou eu! respondeu uma voz muito fina.

— Eu?! Mas, eu, quem?

— Uma obscura pulguinha, que te quer dar uma lição!

— Ah! és uma pulguinha? Pois espera lá!

E o rei saltou furioso da cama, sacudindo a camisa. Revistou depois as cobertas, mas tudo inutilmente,

porque a pulguinha se escondera depressa nas suas espessas barbas.

Não achando nada, tornou a deitar-se, certo de que ella tinha fugido.

Apenas descançára a cabeça no travesseiro... *tique!*

— Ai! oh! pulga incommoda!

— *Tique! tique! tique!*

— Ai! bichinho maldito! Si eu pudesse agarrar-te, eu te reduziria a pó.

— Experimenta, anda, máu rei!

O rei não dormiu essa noute, levantando-se ao clarear do dia, de muito máu humor.

II

Por sua ordem lavaram e revistaram todos os cantos do Palacio, e especialmente o seu quarto.

A cama foi arranjada e examinada por dez mulheres velhas, afamadas como as mais habeis catadeiras de pulgas.

Nada se encontrou; a pulguinha estava bem escondidinha na gólla do paletó do rei.

A' noute, o tyranno, que estava

a cahir de somno, estendeu-se regaladamente na cama.

Queria dormir de um somno só toda aquella noute.

Apenas, porém, soprára a vela, sentiu a pulguinha no pescoço.

— *Tique! tique! tique! tique!*

Quatro picadas logo, para começar.

— Meu Deus! meu Deus! meu Deus! e meu Deus! vociferou o rei impaciente, e com raiva.

— *Tique! tique!* foi a resposta.

— Mas, que te fiz eu, pulguinha, para assim me molestares?

— A mim, nada! Mas, ao teu povo, todo o mal que é possivel imaginar. Queres dormir? Pois promette-me, sob palavra de rei, que procurarás ser bom, e que farás felizes todos os habitantes de teu reino.

— Não prometto nada! Olá, meus soldados! Olá, meu capitão das guardas, meus ministros, meus generaes, vinde aqui todos, vamos acabar com a vida desta insolente pulguinha.

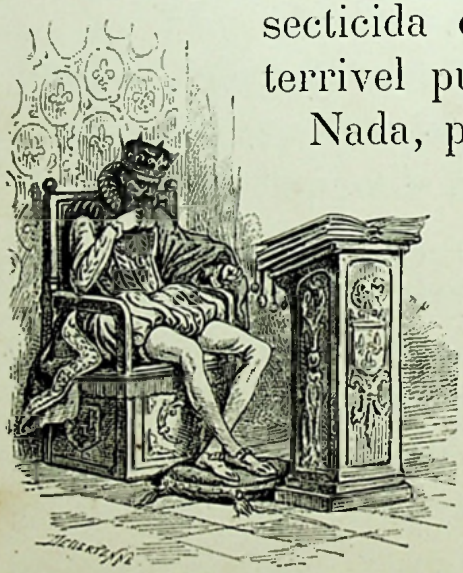
E cheio de colera, mandou que procurassem e matassem a pulguinha á espada, a tiro, do geito emfim que pudessem.

Mandou enforcar as dez velhas catadeiras de pulgas, que não souberam matar aquella que tanto o incommodava.

Emquanto todo este barulho se fazia, a nossa bôa pulguinha, muito tranquillamente, descançava no barrete de dormir do rei.

III

No dia seguinte, dobraram-se os guardas; prometteu-se um rico premio a quem descobrisse um pó insecticida que matasse a terrivel pulguinha.



Nada, porém, valeu : o triste rei não podia deitar, nem mesmo sobre a grama do jardim, sem que logo o atacasse a sua implacavel inimiga.

Quantos soccos deu em si proprio, para esmagal-a, seria difficil

calcular : estava coberto de contusões e de manchas azuladas.

Não podendo dormir, andava noute e dia de um para outro lado, afflicto, desesperado. Emmagrecia a olhos nús, e teria certamente morrido, si não se rendesse á vontade da pulguinha.

— Rendo-me! disse elle uma noute; pede o que quizeres, pulguinha terrivel, que eu te obedecerei.

— Até que afinal! exclamou a pulga. Pois bem; jura, sob tua palavra de rei, que d'ora em deante procurarás ser justo e bom para o teu povo.

O rei jurou, e o povo foi muito feliz sem nunca saber que devia a sua felicidade áquella obscura pulguinha.

Preparativos para a festa.

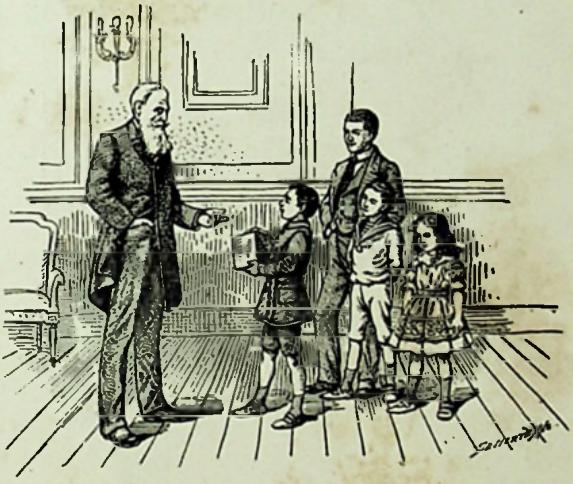
A festa pelo anniversario de D. Julia promettia ser esplendida. Todos os annos, as festas desse dia eram muito bonitas. Mas a desse anno parece que ia ser superior a todas as outras.

O tio José não parava um instante. Ensaiava as poesias de um; corria para um lado para attender a outro; dava conselhos a estes, ordens áquelles, sempre incançavel e sempre alegre.

Parecia que remoçava no meio das crianças.

Paulo resolveu fazer um bello presente á sua mamãe.

Como tinha suas economias num cofre, pediu ao tio José que indicasse qualquer objecto bonito para comprar.



Não fazia questão de preço. Pagava qualquer quantia que fôsse precisa.

Tio José não concordava com o sobrinho nesse ponto.

Entendia que o melhor presente de um filho á sua mãe era uma caricia sincera.

— Isto de presentes caros, dizia

elle, é só para pessôas grandes. Estou certo que tua mãe dará mais valor a um beijo teu do que a uma joia que lhe dês.

O cofre de Paulo.

Paulo podia effectivamente comprar um bello presente para dar á sua mãe.

Tinha dinheiro e bastante.

Desde pequenino, guardava num cofre todos os nickeis que lhe davam.

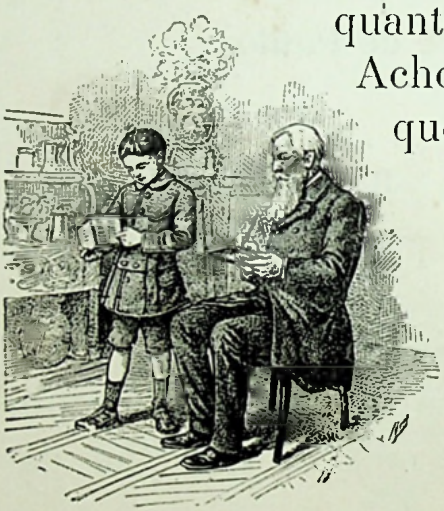
Esse cofre vivia bem escondidozinho para que ninguem lhe bulisse.

Cada vez que punha um nickel no cofre, Paulo fazia um risquinho na tampa.

Para indicar os nickeis de cem réis, fazia um risco pequeno.

Para indicar os de duzentos réis, fazia um risco maior.

Quando se lembrou do presente, foi contar os risquinhos, para saber quanto possuia.



Achou 182 riscos pequenos e 159 grandes.

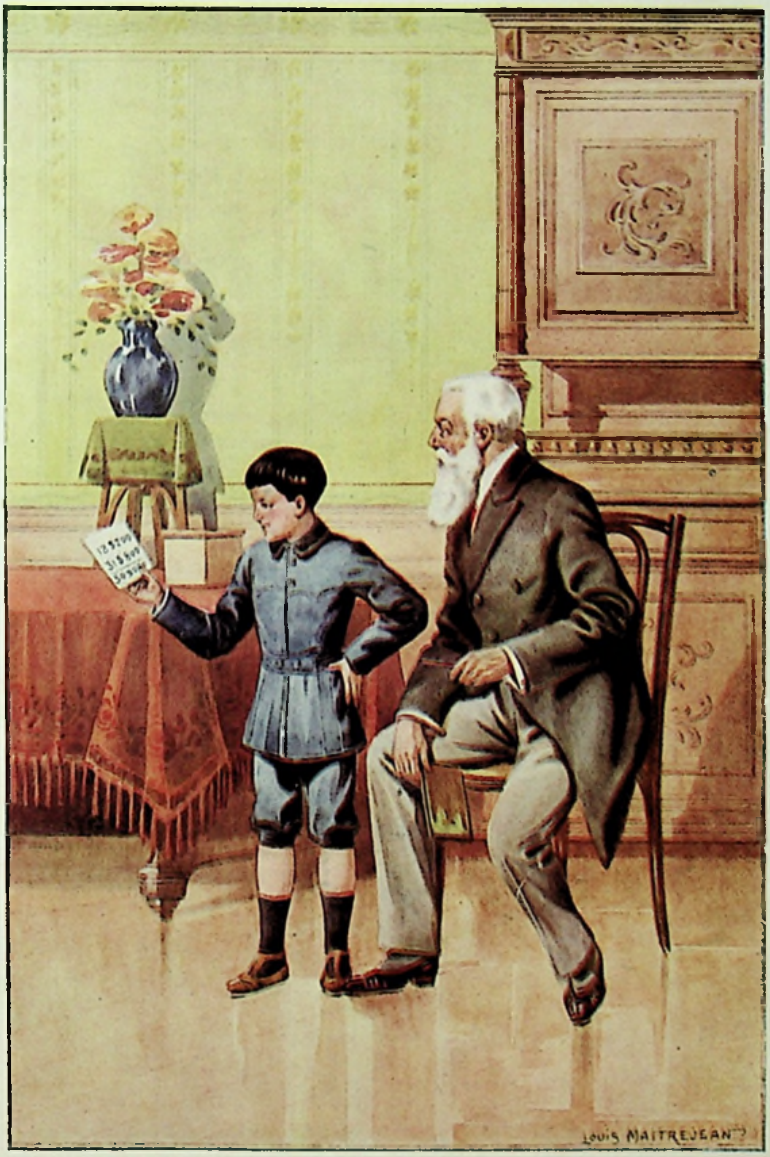
Quanto teria?

Não era muito forte em arithmetica, pois estava ainda no primeiro anno.

Chamou tio José para ajudal-o :

— Ora, rapaz, isso é muito facil! Cada dez nickeis de tostão formam dez tostões. Vae agora separando os risquinhos, em grupos de dez; assim :

Um dez, dous dez, tres dez, etc.


LOUIS MAITREJEAN

— Já separei : tenho dezoito dez!

— Ou dezoito mil réis, não é verdade?

— E', sim, senhor; e sobram 200 réis.

— Tens, então, 18$200 em nickeis de tostão. Agora separa os riscos de 200 réis, em grupos de cinco.

Paulo separou, e achou 31 grupos de cinco riscos, e um grupo só de quatro.

Eram 31$800.

Tio José mandou sommar os dous numeros, e Paulo achou, na somma, 50$000! Era muito dinheiro!

Podia comprar muita cousa.

Um roubo.

— Mas eu não posso abrir o cofre, sem licença de papae! pensou Paulo.

Quando o Dr. Silva Ramos chegou, Paulo contou-lhe o que pretendia fazer, pedindo-lhe ao mesmo tempo a necessaria licença.

A licença foi logo concedida.

Paulo tomou então o martello, e foi buscar o cofre ao quarto, trazendo-o para a área.

Estava ancioso para abril-o.

Nunca tinha visto tanto dinheiro junto!

Bateu, bateu, bateu, até que despregou a tampa.

Com o barulho, tinham acudido Donato e Luizinha.

— Vocês querem vêr que porção de dinheiro eu tenho? perguntou, arrancando o pedaço que tinha despregado da tampa.

Mas, oh! céus! Não havia nada no cofre!

Empallideceu.

— E esta?! Não póde ser! Procurou de novo, sem nada encontrar.

Afinal levantou-se, desapontado.

Tinha as mãos vazias, e o rosto côr de cêra.

Haviam-lhe tirado todo o dinheiro! Quem seria?

Luizinha e Donato estavam tambem assustados.

E agora?

— Vá queixar-se a padrinho! aventurou-se Donato a dizer.

— Mas vocês não sabem quem buliu aqui? perguntou Paulo quasi chorando.

— Eu sei! exclamou Luizinha.

— Quem foi? quem foi?

E Luizinha, pensando que dizia uma grande cousa, respondeu com ar convencido :

— Foram os ladrões!

— Ora, não seja boba! disse Paulo meio zangado.

Ladrão generoso.

— Pois fica sabendo que foi mesmo um ladrão, mas um ladrão generoso! disse uma voz perto delles.

Os tres meninos voltaram-se para vêr quem estava falando.

Era o Dr. Silva Ramos, que, desde instantes, os espreitava pela abertura da porta.

— O senhor viu, papae?

— Vi. Foi um amigo teu quem, de tempos em tempos, levantava a táboa do fundo do cofre, e ia retirando o teu dinheiro de dez em dez mil réis.

— Um amigo?!

— Sim; o teu melhor amigo.

Paulo arregalou os olhos.

Então, o Dr. Silva Ramos tirou do bolso uma caderneta da Caixa Economica e mostrou-lh'a, perguntando:

— Quanto é que devias ter no cofre?

— Cincoenta mil réis. Justamente o que eu precisava para comprar um presente para mamãe!

— Pois elles estão aqui, nesta caderneta. Eu os tirei para pôl-os a render na Caixa Economica. E elles renderam bem! Tens aqui os teus cincoenta mil réis; e mais trinta,

que te dei no dia dos teus annos; e mais sete, que elles produziram de juros!

— Então, até me sobra dinheiro! disse Paulo, já alegre; e accrescentou : Como ha de ser para eu ir buscar os meus oitenta e sete mil réis?

— Não é preciso que vás. Eu te darei um presente melhor para levares á tua mãe.

O dia da festa.

Domingo. Chegou, emfim, o dia tão esperado.

D. Julia tinha ido á missa pedir a Deus pela sua, e pela felicidade de seu bom marido e dos queridos filhos.

Em sua ausencia, a criançada ajudada pelo tio José, poz-se a enfeitar a casa toda.

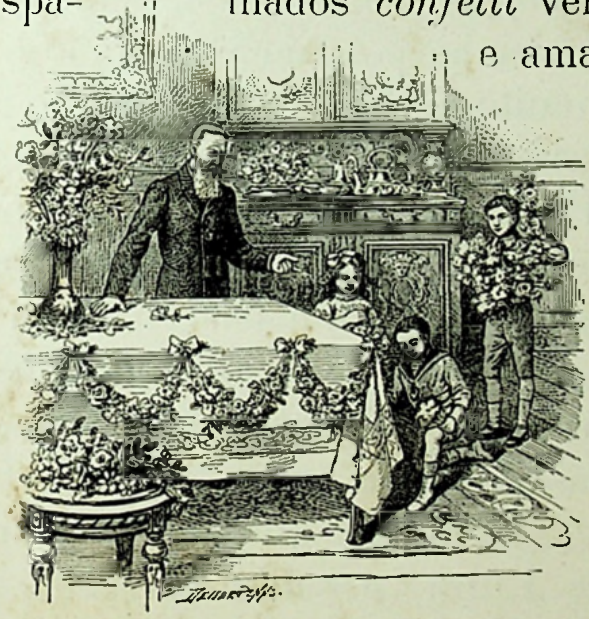
As flôres já estavam nas bellas jarras de porcellana dourada.

Uniam as cortinas de cada janella lindos laços de fita vermelha, prendendo ramos de violetas.

As cadeiras estavam cobertas com

toalhas de crochet, presas tambem com fita vermelha.

Pelo chão, sobre a mesa, no corredor, por toda a parte, emfim, viam-se espa- lhados *confetti* verdes e amarel-



los, da côr da bandeira nacional.

Dentro do guardalouça faiscava o apparelho de chá de prata polida.

Pela casa toda espalhava-se um aroma agradavel de violetas, e de

uma essencia suave com que Luizinha havia borrifado as cortinas.

Prompta a casa, que tinha ficado como um brinco, tio José mandou as crianças que se vestissem.

Luizinha poz um vestidinho branco, muito mimoso, e prendeu ao peito um ramo de violetas.

Paulo e Donato envergaram o seu terno branco, com uma gravata da mesma côr da fita das cortinas.

— Agora, meus filhos, vamos esperar a *nênêzinha*! Que é das cestinhas de flôres?

— Está no quarto de mamãe! disse Luiza, e sahiu correndo para ir buscal-as.

A nênêzinha.

— Ahi vem ella! gritou Paulo da porta da rua.

Que alvoroço!

Tudo corre, tudo se precipita e cada qual se vae pôr junto á porta do corredor, levando na mão uma cestinha cheia de pétalas de rosas.

— Viva mamãe! gritou Luizinha enthusiasmada, e as pétalas, ao som de um gazular de andorinhas, começaram a cahir sobre a cabeça da bôa senhora, em punhados que quasi a suffocavam.

— Chega, meus filhos, chega!

dizia ella satisfeita, quasi chorando de commoção.

Depois agarrou nos dous filhos e poz-se a beijal-os freneticamente, nervosamente.

— Espere, mamãe! dizia Luizinha, tentando escapar-se. Espere; vamos ao resto do programma. Dê-me o seu braço. Paulo, pega no outro braço de mamãe!

D. Julia, sorrindo-se, prestava-se condescendente a tudo quanto os filhos queriam.

Estes, de braço-dado com ella, e acompanhados por todas as outras pessôas da casa, conduziram-na ao

seu quarto, que estava lindamente enfeitado, e lhe entregaram todos os presentes que estavam sobre a cama.

D. Julia não cabia em si de satisfação e alegria.

Sobre a commoda, cheia de flôres, estavam duas velas accesas, em frente a imagem de Nossa Senhora das Dôres.

D. Julia fitou a santa, seus labios murmuraram, baixinho, uma prece de agradecimento.

A' noute.

A's oito horas da noute, a casa do Dr. Ramos já estava cheia de gente.

D. Noemia com os filhos, a Ritinha, Zuzú, Alvaro, tio José e o Victor, faziam uma bella roda, assentados em torno da sala.

De manhã, Paulo perguntou ao Dr. Ramos que presente daria á sua mãe.

— Dá-lhe isto, meu filho, e entregou-lhe a caderneta da Caixa Economica.

— Ora, papae! Onde se viu um

filho dar dinheiro á sua mamãe? Parece que é tão feio!

— Pois não lh'o darás! Pedir-

lhe-ás apenas que o guarde, que tome conta delle.

— Mas então é peior! Em vez de dar-lhe um presente, eu irei pedir-lhe um favor! Papae acha mesmo que eu devo fazer isso?

— Que duvida! o maior prazer que sentem as mães é o de poderem

ser agradaveis aos filhos. Por isso, imagina só o contentamento que ella terá quando lhe pedires este obsequio. Demais, não julgues que não lhe darás nada! Dás-lhe, sim, um rico presente.

— Não entendo, papae, o que lhe possa dar, si eu é que lhe vou pedir.

— Dás-lhe, meu filho, a immensa satisfação de saber que já começas a praticar uma das grandes virtudes do homem — a economia.

Caridade.

Vae começar a festa.

Paulo appareceu vestido de cozinheiro.

Trazia avental e bonet branco.

No braço segurava uma cesta com fructas, que o tio José mandára vir da sua chacara.

Fingia que vinha das compras e que se apresentava á patrôa.

A patrôa era D. Julia.

Approximou-se della, tirou o bonet, e recitou estes versinhos :

— Estou de volta, senhora,
E vim depressa, correndo!
Como a senhora está vendo,
Não levei nem meia hora!

Trago as compras no cestinho...
Veja que frescas que são!
Mas que preço *salgadinho*...
Voltaram-me só um tostão!

O que faço, nunca o négo :
Quando passei pela escola,
Encontrei, na rua, um cégo,
Que me pediu uma esmola.

Eu não tinha nem vintem;
Só, só o troco do mercado...
Dei-o ao céguinho, coitado!
Não sei si fiz mal ou bem.

Si fiz mal, disse eu commigo,
Conto certo ter perdão;
Sinão, que venha o castigo,
Mas o cégo terá pão.

Sermão inutil!

Veiu depois a Luizinha.

Entrou abraçada com a Zilda. Poz a boneca de pé sobre uma cadeira, e, fazendo uma cara muito séria, começou a recitar :

Então? aqui recostada!
E com preguiça... passando
O dia sem fazer nada?!
E tua mãe trabalhando?!

E nem ao menos caminhas?
Para andares, passo a passo,
E' que tu tens as perninhas!
Queres sempre andar no braço?

Ah! no teu rosto, eu diviso
Não sei quê de pouco caso!
Sempre este mesmo sorriso!
Caçoarás por acaso?

Anda, péga na costura!
Vamos, meche-te, caminha!
Oh! que inutil creatura!...
Nem parece filha minha!

Pensas que este lindo rosto
Vale nada, sem maneiras?
Pois, minha filha, não gosto
De meninas tão faceiras!

Uma menina bonita,
Si trabalho não procura,
Si no dever não medita,
Até perde a formosura!

Teu pae está no serviço;
Tu sabes que elle precisa
De roupa. Vamos com isso.
Vae engommar-lhe a camisa!

Não posso mais! Que casmurra!
Escuta! Que ninguem ouça :
Eu te daria uma surra,
Si tu não fôsses de louça!

O discurso.

Chegou a vez de Donato.

Tio José tremeu. Ninguem sabia o que elle ia dizer.

Fazia cinco dias que andava fugindo de todos.

Uma vez é verdade, tio José o encontrou montado em um galho da pitangueira, e pediu-lhe para ouvir o que estava decorando.

— Não; não; desculpe-me mas eu não recito. Depois não tem graça!

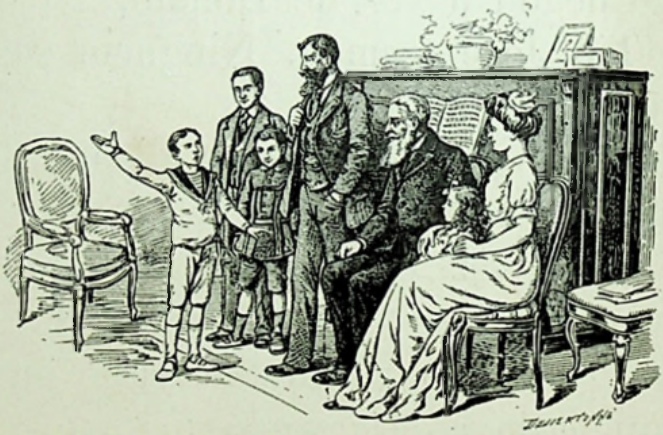
Eil-o agora alli, na sala. Tio José fez-lhe um signal.

— Senhor director; principiou elle.

Todos começaram a olhar uns

para os outros, espantados com aquelle começo.

— ... E' com a alma repleta de satisfação, continuou Donato, que eu venho cumprir um sagrado de-



ver. Em nome dos poderes constituidos; em nome daquelles que têm a responsabilidade do futuro da Patria, venho saudar o Exmo. Sr. Director desta casa de educação...

A criançada estava gostando do discurso.

Mas as pessôas grandes, começaram a cochichar umas com as outras...

O tio José, porém, contendo-os, aprumou-se todo e, batendo palmas, disse com ar muito solenne :

— Bravos ao joven orador! E como todos os presentes gostámos immensamente do seu discursozinho, todos lhe pedimos o favor de um *bis*.

— *Bis! bis!* repetiram todos, rindo-se muito.

Sem se perturbar, Donato, com ar risonho e brejeiro, e dirigindo-se agora especialmente para o velho marinheiro, repetiu :

— Senhor Director. E' com a alma repleta de satisfação que eu venho cumprir um sagrado dever. Em nome dos poderes constituidos; em nome daquelles que têm a res-

ponsabilidade do futuro da Patria, venho saudar o Exmo. Sr. Director desta casa de educação.

— Obrigado! exclamou tio José, apenas elle concluiu; e, como, nesta festa de familia, a caridade do Cozinheiro é digna de imitação, eu peço ao illustre orador que acceite estes dez mil réis para dar de esmolas aos pobres, em honra ao dia que aqui commemoramos.

Donato, com uma seriedade comica pegou nos dez mil réis, e, batendo palmas, e imitando o gesto e a voz de tio José, disse logo :

— Bravos ao velho orador! E, como todos os presentes gostámos immensamente do seu discursozinho, todos lhe pedimos o favor de um *bis*.

A sala inteira disparou numa

gargalhada; e um *bis, bis,* ruidoso, rompeu de todos os labios.

Tio José teve de puxar outra *pellega* e Donato, muito alegre, a recebeu, e a foi levar á D. Julia, no meio do barulho das palmas, que repetida e repetidamente batiam.

O Dr. Silva Ramos esse ria-se a não poder conter-se da cara meio admirada de tio José.

O caso é que o discurso do Inspector escolar, que o Donato tinha ouvido na escola, e repetira, por ingenuidade ou pilheria, não ficou, afinal, tão fóra de proposito como a principio pareceu.

A farça de Zuzú.

— Mas, que é do Zuzú? Alguem perguntou.

Elle tinha desapparecido. A Rita fingiu que ia procural-o e tambem sahiu.

De repente, entraram na sala duas figuras muito exquisitas. Na frente, vinha uma menina vestida de cigana, com um pandeiro na mão.

Perto della, vinha um menino, com uma sobrecasaca muito comprida e uma grande cartola na cabeça. Na mão trazia uma bengala muito alta.

Eram a Rita e o Zuzú.

Rita tocava o pandeiro, e Zuzú cantava.

Todas as pessôas, que estavam na sala, gostaram muito da farça do Zuzú.

Então, o brejeiro, tirando a cartola, foi de pessôa em pessôa dizendo:

— Uma esmolinha, faça favor! Nós tambem queremos festejar o grande dia! Uma esmolinha, sim?

Os nickeis tilintavam ao cahir no fundo da cartola, onde se juntaram, dentro em pouco, tambem algumas notinhas!

Quando terminou a collecta, Zuzú adeantou-se para o logar onde

estava D. Julia, e, apresentando-lhe a cartola com o dinheiro, recitou com enthusiasmo :

Eis ahi, minha senhora,
O nosso simples presente :
Significa unicamente
Uma prova de affeição!
Aos vossos pobres dignai-vos
Entregar esta cartola :
Contém mais do que uma esmola,
Contém nosso coração.

Com o que vos deu Donato,
Não faz muito, mas ajuda
A caridade, que estuda
Como alliviar a afflicção.
Todos nós que aqui viemos
Tributar esta homenagem,
Ante a vossa cara imagem
Erguemos esta oração

E assim terminou a encantadora festa, em que as crianças tinham dado provas de trabalho, estudo, ordem, economia, arte e amôr.

INDICE

Anno bom 5
O pae de Paulo. 8
A mãe de Paulo. 11
O Paulo 14
Coração de ouro. 16
Luiza 19
O Tupy e a Negrinha 22
As balas 24
O primeiro dia de aula. 27
De volta da escola. 30
O Zuzú. 33
O tio José 36
O filho do marcineiro 38
O novo companheiro de Paulo. 41
O espelho 45
O éco atrevido. 48
O éco gentil. 51
O crocodilo 54
A mentira disfarçada. 58
Gulodice. 61
Zuzú 63
Zilda fugiu 66
Mimi 69
As historias da vovó 71
E Zilda onde está? 74
Grosserias, não! 76
O coelho e o marrequinho. 80
O Zuzú ainda em scena 88
Os versinhos de Zuzú 91
Bonita idéia. 93
Os versos do tempo do tió José (João de Deus). 96

Outra quéda de Luiza — I. 101
» » » » — II. 104
As violetas presumpçosas 107
Borboletas 110
Não peças! 113
Uma carta. 117
Carantonha 121
Meus gostos. 124
Mentirosa... não!. 127
A boneca dos cinco sentidos — I. 130
» » » » » — II. 133
Volta de Zilda — I. 139
» » » — II 142
Chegou, emfim!. 145
Os oculos 148
O caderninho de Paulo 151
Uma visita. 153
Uma injustiça géra outra!. 156
Convite. 159
O camponez de 162
Os dous camaradas. 166
O caderninho de Paulo 170
Nuvens... côr de rosa 173
A imagem dos filhos. 176
Ultimo dia de aula. 179
A bôa pulguinha 181
Preparativos para a festa 190
O cofre de Paulo 193
Um roubo 196
Ladrão generoso 199
O dia da festa 202
A nênêzinha. 205
A' noute. 208
Caridade. 211
Sermão inutil. 214
O discurso 217
A farça de Zuzú 222

TYP. AILLAUD, ALVES & Cia.

LEMAD
História USP

LEMAD
História USP

EXTRACTO DO CATALOGO

DA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Coração. Educação civica, por Edmundo de Amicis, 23.ª edic traducção de João Ribeiro, 1 vol. cart. 1

Contos Patrios, proprios para crianças de ambos os sexos *Olavo Bilac* e *Coelho Netto*. Este livro é caprichozamente ilus e impresso em Paris, 8.ª edição, 1 vol.

Minha Primeira Viagem á Volta do Mundo, por Mad *H. S. Brès*; album ilustrado com 222 gravuras e 4 figuras traducção do *Dr. Carlos de Laet*, 1 belo vol. cart. 3$000

Minha Historia Sagrada, traducção do *Dr. Carlos de Lae* obra aprovada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro, 1 vol. fu. 4 fr. ilustrado de numerozas bellissimas gravuras e cromos. 3$000

Theatro Infantil (Comedias e monologos em pros. e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto, 2.ª edição, 1 vol. cart. 2$000

Contos Populares do Brazil (*Folk-lore* brazileiro, ou verdadeiros contos da Carochinha), pelo *Dr. Sylvio Romero*, 1 vol., br. 2$ cart. 2$500

Era uma vez... Contos para crianças, pelo Dr. Viriato Correia João do Rio, Paulo Barreto, com numerozas ilustrações, dezenh originaes por Nochini, 1 vol. in-16 fr., cart. 2$0

Contos para Crianças, por Chrysanthème, com ilustrações d Julião Machado, 1 vol. cart. 3$000

Historias do Reino Encantado, contadas pelas avós e colecionadas por Grimaldi, ornado com 4 estampas coloridas, 1 vol. cart. 1$000

Juca e Chico. Historia de dois meninos em sete travessuras, por W. Busch; versos de Fantasio (Olavo Bilac), 1 vol. in-8 ilustrado 3$000

A Vida das Crianças (Album para crianças), 1 belo volume 3$000

Historias de Fadas. Livro para crianças, contendo a melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares reunidos por *Figueiredo Pimentel*, 1 vol. in-16 de 400 pags. ilustrado, impresso e encadernado em Paris 2$000

MEU LIVRO DE MAGICAS. — Um livro ricamente encadernado 3$000

TYP. AILLAUD, ALVES & C.ª